

A LIAHONA

Agosto de 1989 Volume 42 n.º 8
PBMA8908PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas Ensign, New Era e Friend.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,
L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,
M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook,
William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Seção Infantil: DeAnne Walker

Diretor de Arte: M. Masato Kawasaki

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

Na capa: Um exemplar original da primeira edição do Livro de Mórmon publicado em 1830. Vide "Verdades Perdidas Restauradas", nesta edição. Fotografia de Phil Shurtleff.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob n.º 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCz\$ 9,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: NCz\$ 0,75.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, suco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: Ultraprint Impressora Ltda. - R. Bresser, 1224 - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah.

Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send address changes to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

A ORDEM E A VONTADE DE DEUS

Presidente Gordon B. Hinckley

7 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"VOLTAI"

8 IMPOSSIBILITADOS DE TER FILHOS

Ardeth G. Kapp

13 MÚSICA DA PRIMÁRIA: NO CÉU EU VIVI

Janeen Jacobs Brady

14 MANUAL PARA OS PAIS:

QUANDO FICAR EM CASA E NÃO IR À IGREJA

Glen C. Griffin

15 VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS: Parte I

Gilbert W. Scharffs

19 A LEITURA MAIS EMOCIONANTE Robert K. Thomas

21 EXPERIÊNCIA MÓRMON: ANNA NADASDI

Blaine E. Anderson

23 "VOU FICAR UMA HORA" Robert K. Rey

25 NOITE FAMILIAR PARA UM Judyth F. Barton

28 UMA NOITE NO MONTE TIMPANOGOS Scott Kearin

32 O LIVRO DE MÓRMON COMO GUIA PARA OS PAIS

Geri Brinley

SÓ PARA JOVENS

37 OUTRA VEZ EMBRIAGADO Ann Lawrence

44 TEMPO — UMA HERANÇA DE DEUS Bispo Henry B. Eyring

45 PODEROSAMENTE FORTE Élder F. Enzio Busche

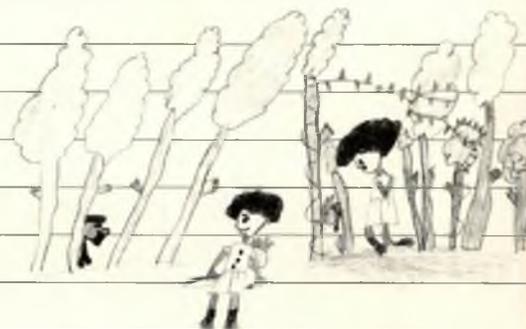
48 "SEDE CONFORTADOS" Gina Parkinson Baird

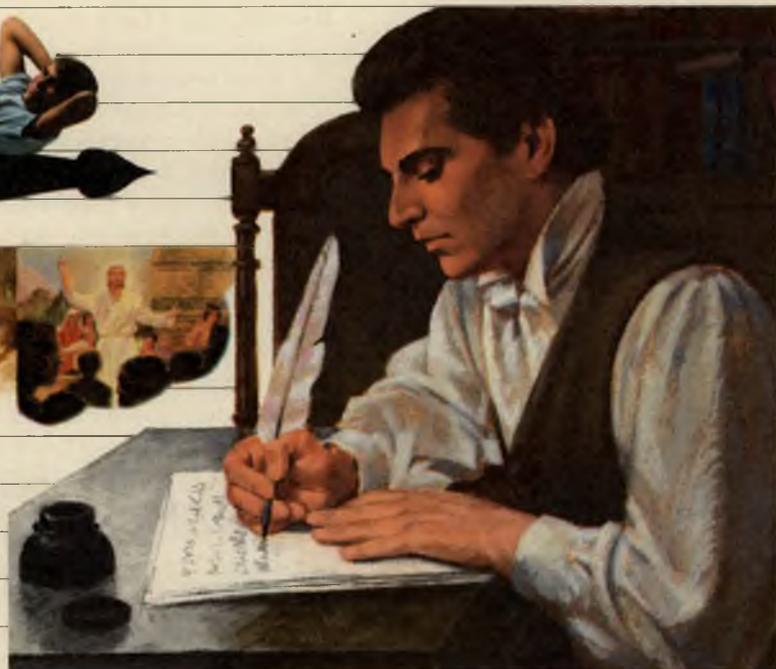
SEÇÃO INFANTIL

2 AMIGUINHOS EM NOTÍCIA

4 MINHA ORAÇÃO FOI RESPONDIDA Kiko Candatten

7 HISTÓRIAS DE D&C: DÍZIMO





MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Presidente Gordon B. Hinckley Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

A ORDEM E A VONTADE DE DEUS

Doutrina e Convênios é um livro glorioso, cheio de palavras de sabedoria celestial. Contém a palavra de Deus para nós, desta geração.



cisa ouvir.

A Pérola de Grande Valor oferece detalhes fascinantes que faltam no livro de Gênesis, no Velho Testamento, e em Mateus, capítulo 24, no Novo Testamento. Também contém o relato extraordinário e tocante dos primeiros acontecimentos da vida do Profeta Joseph Smith.

A Constituição da Igreja

Neste ano, os membros de toda a Igreja estão estudando Doutrina e Convênios. Suas mensagens marcantes e inspiradoras estão sendo ensinadas e ponderadas em muitas línguas e em uma centena de nações em todo o mundo.

É um livro glorioso, cheio de palavras de sabedoria celestial. Contém a palavra de Deus para nós, desta geração.

Todas as obras-padrão são necessárias para que entendamos as coisas de Deus. A Bíblia nos oferece a pedra fundamental de nossa fé: O Velho Testamento transmite a palavra de Jeová por meio de seus profetas antigos; o Novo Testamento narra, em uma bela linguagem, a vida incomparável e o sacrifício do Salvador da humanidade.

O Livro de Mórmon constitui-se em um novo testamento de Jesus Cristo. Em suas páginas, lemos os testemunhos dos profetas do Novo Mundo. Majestosos em sua visão da história, seus capítulos estão repletos da tragédia da guerra, de advertências divinas e de promessas feitas por Deus. Ele fala como uma voz de quem clama do pó, para um mundo que pre-

Doutrina e Convênios é único entre nossos livros de escritura. É a constituição da Igreja. Embora Doutrina e Convênios inclua escritos e declarações de várias origens, é basicamente um livro de revelações dadas por intermédio do Profeta desta dispensação.

Essas revelações se iniciam com uma vibrante declaração dos propósitos abrangentes de Deus na restauração de sua grande obra nos últimos dias:

“Escutai, ó povo da minha igreja, diz a voz daquele que habita no alto e cujos olhos estão sobre todos os homens; sim, na verdade vos digo: Escutai, ó povo de terras longínquas, e vós que habitais as ilhas do mar, escutai juntamente.

Pois, na verdade, a voz do Senhor se dirige a todos os homens, e ninguém há de escapar, e não há olho que não verá, nem ouvido que não ouvirá, nem coração que não será penetrado” (D&C 1:1-2).

Com esse início majestoso, descortina-se um panorama doutrinal maravilhoso que vem da fonte de verdade eterna. Uma parte é revelação direta, que o Senhor ditou para seu profeta, outra é a linguagem de Joseph Smith, escrita ou falada de acordo com a

inspiração do Espírito Santo. Também está incluída a narrativa feita por ele de fatos ocorridos em circunstâncias diversas. Tudo isso reunido constitui, de forma substancial, a doutrina e as práticas de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Vejo com assombro a vida de Joseph Smith, um rapaz do campo, de Palmyra, Nova York. Sua educação escolar era restrita. Pouco sabia a respeito de uma sala de aula. Suas oportunidades de ler foram poucas. Mas, como instrumento nas mãos do Todo-Poderoso, ele proferiu palavras que se tornaram a lei e o testemunho desta obra grandiosa e vital. Doutrina e Convênios é um canal para as revelações do Senhor a seu povo.

Uma Linguagem ao Alcance de Todos

É surpreendente a variedade de assuntos de que trata o livro. Entre eles, estão princípios e procedimentos concernentes ao governo da Igreja. São estabelecidas regras únicas e extraordinárias de saúde, com promessas tanto físicas como espirituais. O convênio do sacerdócio eterno é descrito de uma forma que não se encontra em nenhum outro lugar nas escrituras. Os privilégios e bênçãos - e as limitações e oportunidades - dos três graus de glória são anunciados, com base na breve menção de Paulo sobre a glória do sol, da lua e das estrelas. O arrependimento é proclamado em uma linguagem clara e vigorosa. É estabelecido o modo correto do batismo. A natureza da Trindade, que tem perturbado os teólogos por séculos, é descrita em uma linguagem que todos podem entender. A lei do Senhor a respeito de finanças é estabelecida, ordenando como os fundos para administração da Igreja devem ser adquiridos e usados. A obra de salvação dos mortos é revelada, para abençoar os filhos e filhas de Deus de todas as gerações.

Fica evidente, com a leitura de Doutrina e Convênios, que Joseph Smith tinha uma compreensão quase completa dos eternos propósitos de Deus. A Bíblia é preciosa e magnífica. Banqueteai-vos em sua linguagem forte e bela. Da mesma forma, adquiri força e determinação, inspiração e estímulo com o Livro de Mórmon. Depois, recebi instrução e enten-

dimento, promessas de esperança, conforto e força nas revelações de Deus dadas a esta geração, registradas em Doutrina e Convênios.

Gosto da linguagem do livro. Gosto do tom de suas palavras. Maravilho-me com a clareza e a força de suas afirmações, de seus discursos doutrinários e promessas proféticas.

Minhas Passagens Favoritas

Com gratidão e como testemunho, apresento algumas de minhas passagens preferidas deste grande livro de revelação, acompanhadas de rápidas observações. Cada um de vós tem suas próprias passagens preferidas. Há palavras que guardei em meu coração, palavras que me comoveram, palavras que me fizeram humilde, palavras que me confortaram. Refleti estas declarações de Deus:

“O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa.

Pois eis que o Senhor é Deus, e o Espírito testifica, e o testemunho é verdadeiro, e a verdade permanece para todo o sempre” (D&C 1:38-39).

Quando críticos zombam, quando inimigos ridicularizam, quando os que duvidam subestimam esta obra, esta extraordinária declaração do Todo-Poderoso me vem à mente. O Senhor não se desculpa pelo que disse ou fez. Todas as promessas serão mantidas, todas as profecias serão cumpridas, “e a verdade permanece para todo o sempre”.

Na mesma linha, acha-se esta declaração relativa aos diabólicos planos dos inimigos da Igreja:

“Não permitirei que eles destruam a minha palavra; sim, mostrar-lhes-ei que a minha sabedoria é maior do que a astúcia do diabo” (D&C 10:43).

Em minha vida, tenho visto muita maldade de pessoas que se deleitam em diminuir esta obra, e que fariam todo o possível para destruí-la. Estas grandes palavras do Senhor, proferidas por revelação, proporcionaram-me conforto e segurança, como o fez a declaração que abre a seção 3:

“As obras, os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar.”

Tenho estado com os missionários em muitos lugares, e costumo citar-lhes a seção 4. Todas as vezes que faço isso, estas palavras do segundo versículo tocam-me com um profundo senso de resolução:

“Portanto, ó vós que embarcais no serviço de Deus, vede que o sirvais de todo o coração, poder, mente e força, para que possais comparecer sem culpa perante o tribunal de Deus, no último dia” (D&C 4:2).

Chegará o dia do juízo final. Será um momento de confissões e prestação de contas. A cada dia na mortalidade escrevemos o texto desse relato.

“Não brinques com coisas sagradas”

Outras passagens que são minhas preferidas:

“Não brinques com coisas sagradas” (D&C 6:12).

Acrescento a esta declaração as seguintes palavras encontradas na seção 63:

“Lembrai-vos de que aquilo que vem do alto é sagrado e deve ser mencionado com cuidado e por constrangimento do Espírito” (D&C 63:64).

Fico magoado, quando o nome do Senhor é profirido em vão. Fico angustiado, ao ouvir pessoas falarem das coisas sagradas com frivolidade e em espírito de zombaria.

Quando vejo tantas pessoas lutando contra as dívidas que as oprimem, que em muitos casos as levam à ruína e ao não cumprimento de suas obrigações, penso nestas palavras dirigidas a Martin Harris:

“Paga o que deves . . . Desembaraça-te de obrigações” (D&C 19:35).

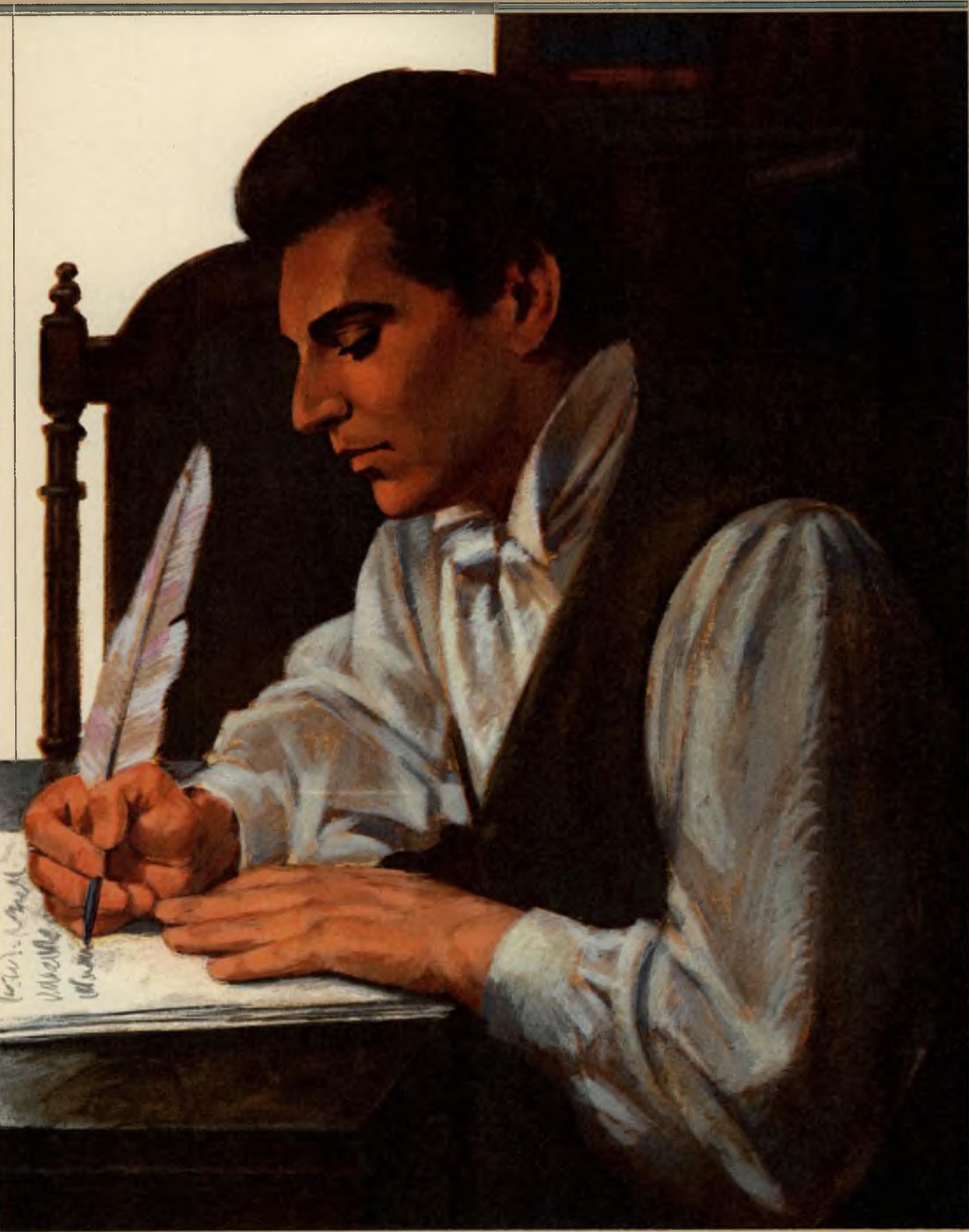
Qualquer um que tenha caído na armadilha das dívidas conhece um pouco da escravidão opressiva.

“Se estiverdes preparados não temereis” (D&C 38:30).

Essa curta afirmação é uma promessa maravilhosa e segura. Ela traz uma mensagem para todos nós – para a juventude que pensa na educação, o cabeça da família que é responsável pela mesma, o homem de negócios, o profissional, o professor ou orador, assim como para o oficial da Igreja. Todos nós ocasional-

Destaque conforme registrado pelo Profeta Joseph Smith, Doutrina e Convênios é um livro de escrituras surpreendente que dá ao homem maior compreensão da Trindade, da autoridade restaurada do sacerdócio, do governo da Igreja, dos três graus de glória, e de muitos outros assuntos concernentes à salvação eterna.





mente enfrentamos responsabilidades que trazem consigo uma sensação de medo. Se nos prepararmos adequadamente, não precisamos temer. Essa é a promessa do Senhor.

“O que é de Deus é luz; e aquele que recebe a luz e persevera em Deus, recebe mais luz, e essa luz se torna mais e mais brilhante até o dia perfeito.” (D&C 50:24.)

Essa é, para mim, uma notável declaração. Ela identifica a própria essência do progresso eterno, mostrando, em poucas palavras, a oportunidade e a promessa de crescimento que nos levará à perfeição. Ela nos diz que, aprendendo a respeito das coisas divinas, nossa compreensão aumentará e nos tornaremos glorificados naquela luz que vem de Deus.

“Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.)

Muitos de nós estamos inclinados a dizer que perdamos, quando na verdade, não estamos querendo esquecer. Se o Senhor tem o desejo de esquecer os pecados dos que se arrependem, então por que tantas pessoas estão inclinadas a trazer o passado à tona freqüentemente? Eis uma grande lição que todos nós precisamos aprender. Não há perdão verdadeiro sem o esquecimento.

A Gloriosa Declaração

Termino esta pequena lista com a gloriosa declaração de Joseph Smith e Sidney Rigdon, registrada na seção 76:

“É agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus, e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai-

Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (Versículos 22-24.)

Esse foi o testemunho sincero de um profeta e seu companheiro. Joseph deu a vida em testemunho da verdade dessa declaração, como está registrado na seção 135. Ele, com seu irmão Hyrum, foi baleado e

morto em 27 de junho de 1844, em Cartage, Illinois. John Taylor, que estava com ele, subsequenteiramente escreveu:

“Seu sangue inocente . . . serve de embaixador para a religião de Jesus Cristo, que tocará os corações dos homens honestos de todas as nações” (versículo 7).

John Taylor falou como profeta, quando escreveu essas palavras inspiradas. O crescimento da Igreja em todo o mundo é um cumprimento dessa profecia, e o cumprimento de outras profecias relatadas neste volume sagrado.

É meu testemunho, escrito solenemente e com grande gratidão, que este livro notável, que trata de tantos assuntos de interesse e consideração para todos nós, estabelece “o mandamento e a vontade de Deus” para esta geração. Temos a oportunidade de lê-lo, ponderá-lo, e desfrutar de seus conselhos e promessas. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos Que Merecem Ênfase. Talvez os queira ressaltar em sua mensagem de mestre familiar:

1. A Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, e a Pérola de Grande Valor são todos indispensáveis para nossa fé.

2. Doutrina e Convênios é único entre os nossos livros de escritura e serve como uma constituição da Igreja.

3. Acima de tudo, Doutrina e Convênios é um livro de revelações dadas por meio do grande profeta fundador desta dispensação. É um canal para as manifestações do Senhor ao seu povo hoje.

4. Instruções inspiradas e promessas de esperança, conforto e força feitas pelo Senhor, esperam aqueles que, em espírito de oração, lerem as revelações registradas em Doutrina e Convênios e meditarem nelas.

Auxílios para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos a respeito de Doutrina e Convênios. Peça aos membros da família que façam o mesmo.

2. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa antes da visita?

“VOLTAI”

Objetivo: Lembrar às irmãs a necessidade de ajudar as menos ativas a voltarem para a atividade total na Igreja.

Cada uma de nós conhece estas irmãs. Uma pode não freqüentar a Igreja, porque seu marido, que não é membro, quer que ela passe os domingos com ele. Os sentimentos de outra irmã podem ter sido magoados por um comentário impensado ou grosseiro. Uma outra pode estar lutando com uma doença ou depressão, ou pode sentir-se deslocada, porque é solteira ou não tem filhos. Uma outra pode ter dúvidas a respeito da Igreja ou ter um problema com a Palavra de Sabedoria, ou pode simplesmente sentir-se constrangida, porque não freqüenta a Igreja há muito tempo.

Uma irmã assim estava inativa havia alguns anos. Ela não se lembrava por que havia deixado de ir à Igreja. Seu único contato com a Igreja eram as visitas das professoras visitantes e dos mestres familiares. Sempre que eles a incentivavam a voltar para a Igreja, ela insistia em dizer que era “difícil demais” e “tarde demais”.

Então, um dia, ela mostrou às professoras visitantes um poema que havia escrito. Elas pediram sua permissão para usá-lo no jornalzinho da ala, e ela concordou.

Quando o poema foi impresso, outra irmã lembrou-se de sua antiga amizade e visitou a mulher. Elas falaram sobre poesia, e o calor da antiga amizade foi renovado. No final da conversa, a visitante disse: “Eu daria qualquer coisa para que você voltasse. A ala não é a mesma sem você.” A resposta da irmã menos ativa surpreendeu a ambas: “Acho que vou voltar.”

Ela não foi naquela semana nem na seguinte, mas os telefonemas e as visitas à sua casa continuaram, e, por fim, ela voltou. O afeto e a emoção que esperavam por ela deram-lhe esperança e coragem, e ela voltou outra vez – e mais outra. Gradualmente, o hábito da inatividade foi quebrado e substituído pelo novo hábito do envolvimento.

O amor e o apreço das outras pessoas foram a chama que acendeu o desejo de voltar dessa irmã. Iguais a ela, muitos membros menos ativos sentem-se sozinhos e isolados. O Presidente Ezra Taft Benson nos deu o encargo de ajudar a trazê-los de volta ao rebanho: “Nós, como membros da Igreja e seguidores

do Senhor, temos de estender e renovar nosso amor e um convite sincero para que voltem”, disse ele. (*Ensign*, setembro de 1987, p. 3.) Como podemos fazer isso? Seguindo quatro passos:

1. Pensar. Quais os membros menos ativos que você ou sua família poderiam mencionar ao seu líder do sacerdócio, para que ele ajude no trabalho de integração?

2. Orar. Busque inspiração para mostrar amizade à(s) pessoa(s) que escolheu. O Senhor preparará o caminho. Peça que lhe seja dada a capacidade de amar aqueles que precisam de amor de maneira especial.

3. Persistir. Não suponha que situação alguma seja irremediável, mesmo que alguém fique zangado a princípio. Não antecipe a rejeição. Não desista nunca!

4. Estar Atenta. Mesmo aqueles que freqüentam a Igreja podem estar enfrentando desafios. Cumprimente os outros calorosamente. Busque e integre aqueles que ficam ou se sentam sozinhos. Sua sensibilidade pode ajudar a fortalecer muitas pessoas, evitando a inatividade.

Podemos trazer de volta ao rebanho membros menos ativos, se fizermos como sugere o Presidente Benson: “Temos de manifestar aos outros o mesmo amor que o Bom Pastor tem a todos nós . . . As ovelhas – algumas perturbadas, algumas indiferentes, algumas preocupadas – têm de ser encontradas e amadas, para que voltem a ser ativas” (*Ibid.* p. 4). □

Sugestões para as Professoras Visitantes

1. Você ou a irmã que esteja visitando poderá partilhar uma experiência a respeito de como você ou alguém que você conhece voltou à atividade na Igreja ou fortaleceu sua fé como resultado do amor de outras pessoas.

2. Debata as maneiras pelas quais você ou a irmã que esteja visitando pode ser sensível à preocupação das outras pessoas; debata também como você poderia integrar outras pessoas.

(Veja materiais correlatos no Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 109-115.)



IMPOSSIBILITADOS DE TER FILHOS

“Com aqueles que não tenham sido abençoados com filhos, eu gostaria de partilhar o testemunho e a compreensão que adquiri com minha experiência pessoal.”

Ardeth G. Kapp — Presidente Geral das Moças

Meu marido e eu não temos filhos. Nossas bênçãos com relação a isso foram adiadas. Mas, sem dúvida, somos uma família mesmo agora. Nossa unidade familiar foi estabelecida pela autoridade de Deus no momento em que nos ajoelhamos no altar do templo. Os filhos vêm como extensão e crescimento da família. Quando um homem e uma mulher se casam, eles imediatamente se tornam uma família e continuam uma família, mesmo na falta temporária de filhos.

Menciono isso, porque sei que muitos casais enfrentam a tristeza da falta de filhos. Gostaria de compartilhar com alguns de vocês, que não foram abençoados com filhos, meu testemunho e um pouco da compreensão adquiridos com minha experiência pessoal a respeito de nosso desafio específico. Por serem essas experiências tão pessoais, raramente falei sobre elas fora de nosso lar.

Multiplicar e Encher a Terra?

O irmão Kapp e eu entendemos e nos lembramos das dores e grande parte do sofrimento pelos quais vocês passam. Lembramos dos altos e baixos emocionais a cada mês, incluindo as reuniões de jejum e testemunho, quando eram prestados testemunhos por aqueles que haviam pedido com fé e foram abençoados com filhos. Sabemos como vocês voltam para casa e põem dois pratos na mesa do jantar e relembram o convênio matrimonial de multiplicar e encher a terra e o desejo desesperado de qualificar-se para essa honra em retidão. Vocês não conseguem explicar seus sentimentos um para o outro, muito menos para sua família e amigos; e sua alma toda clama, como fez Jó: "Se for justo, . . . cheio estou de ignomínia, e olho para a minha miséria" (Jó 10:15).

Alguns de vocês passam pelo sofrimento e preocupação por não terem filhos, ano após ano, até que, finalmente, podem dizer: "A minha alma tem tédio

de minha vida" (Jó 10:1), pensando que, se não têm filhos, não podem realizar o propósito de sua criação. E se não realizam a medida de sua criação, podem dizer a si mesmos, o que mais importa?

Lembrarei sempre do dia em que uma criança nova em nossa vizinhança bateu em nossa porta e perguntou se nossos filhos podiam sair para brincar. Expliquei a ele, como para outras pessoas, jovens e velhos, pela milésima vez, que não tínhamos filhos. O menininho olhou com os olhos semicerrados, fazendo uma cara engraçada, e fez a pergunta que eu não havia ousado colocar em palavras: "Se você não é mãe, então o que você é?"

Chegou, porém, o dia em que meu jovem marido foi chamado para ser bispo, e eu finalmente me convenci de que o fato de nós não termos filhos não era causado por nossa iniquidade. Algumas pessoas não entendem isso. Um homem da ala que havia desejado aquela posição, procurou-o em particular, com forte emoção, e disse: "Que direito você tem de ser bispo, e o que você sabe sobre ajudar uma família? Nunca espere que eu ou minha família o procuremos para alguma coisa!" Com o tempo, meu marido ajudou a família daquele homem em uma dificuldade séria, e com isso nós estabelecemos um laço de amor duradouro com eles.

Vocês, sem dúvida, tiveram experiências semelhantes. Se não, ainda terão. Dessa maneira superamos a época em que tudo nos magoa e ofende, até que, com fé em Deus, não somos magoados nem ofendidos. Mas quero que vocês saibam que eu entendo, se estão magoados ou ofendidos agora.

Como enfrentamos esperanças que não se concretizam? Primeiro, temos de aceitar o fato de que esta vida não é feita para que não tenhamos dificuldades. Na verdade, é através das dificuldades que temos oportunidades de cumprir o verdadeiro propósito desta vida mortal. São as provas de fogo da mortalidade que nos vão consumir ou nos refinar.

Parte dessas provações é enfrentar as alternativas e tomar decisões. Para aqueles que não têm filhos, as escolhas podem parecer incrivelmente difíceis de serem feitas. O que o Senhor gostaria que fizéssemos? Até que ponto buscamos os cuidados médicos? E quanto à adoção e criação de crianças? E quanto a permanecer sem filhos? Se essa for a escolha, então o que fazemos de nossa vida? As escolhas nunca são simples. Nesses momentos de busca, freqüentemente nos achamos presos entre os conselhos conflitantes de amigos, líderes, médicos e outros especialistas. Alguns casais que conheço até mesmo pensam em divórcio, cada um achando que o outro é culpado.

Pela minha própria experiência, aprendi que a única paz duradoura é a paz que temos quando conhecemos a vontade do Senhor em relação a nossas oportunidades na vida. Para fazer isso, temos de considerar nossas alternativas, tomar uma decisão, e submetê-la ao Senhor. Então, como observou o Élder Dallin H. Oaks, quando era presidente da Universidade Brigham Young, "Quando uma escolha é realmente importante para nós? . . . e quando vivemos em sintonia com o Espírito, e estamos buscando sua orientação, podemos ter certeza de que receberemos a orientação de que precisamos para atingir nosso objetivo. O Senhor não nos deixará desamparados, quando uma escolha é importante para o nosso bem-estar eterno." (Discurso devocional, Universidade Brigham Young 1981-1982 *Fireside and Devotional Speeches*, Provo, Utah: University Publications, 1982, p. 26.) Acredito nisso. Nós simplesmente não conhecemos a cronologia do Senhor, e é aí que entra a nossa fé.

Tenho duas irmãs mais novas, sendo que as duas são mães. Minha irmã mais nova, Shirley, tem onze filhos. Sharon, a outra irmã, tem uma menininha que nasceu depois de seis anos de ansiosa espera. Dez anos mais tarde, por meio das fervorosas orações de toda a família pela maravilhosa bênção da adoção,

um menininho juntou-se à sua família e foi selado a eles no templo para o tempo e a eternidade. Que bênção ele e as outras crianças têm sido para todos nós!

No decorrer dos anos, minhas irmãs e eu, junto com nossos maridos, oramos umas pelas outras e umas com as outras e a respeito umas das outras. Acabamos por saber que o Senhor respondeu às nossas orações de maneira diferente, nem sempre de modo afirmativo, nem sempre de acordo com nossa cronologia. Todas nós, porém, sentimos a calorosa certeza de sua aprovação e amor.

Haverá momentos em que vocês poderão sentir que seus desejos são justos, mas ainda assim a resposta é não. A essa altura, a única maneira de ter paz é dizer: "Não se faça a minha vontade, mas a tua." O Senhor não tem de nos explicar suas decisões. Se ele o fizesse, como desenvolveríamos a fé? Aprendi que temos de efetuar escolhas – mesmo as difíceis – e depois aceitar a responsabilidade pelas consequências. É ao enfrentar a grande responsabilidade de usar o livre-arbítrio, e, tendo fé, tomar decisões de grandes consequências eternas, que nos aproximamos de Deus.

Um dia, talvez muitos anos após a prova de nossa fé, receberemos um testemunho de que nossas decisões estavam corretas (ver Éter 12:6). Até esse momento, porém, aqueles que tentam viver em sintonia com os sussurros do Espírito, têm de exercer grande fé e coragem para seguir esse Espírito.

Servir, Sacrificar e Aprender

Quais, então, seriam algumas das decisões que os casais podem tomar, para levarem uma vida satisfatória, quando a resposta é que eles não terão filhos nesta vida? Certa noite, quando meu marido e eu estávamos buscando uma resposta para essa pergunta, lemos algo que o Presidente David O. McKay disse: "O mais nobre objetivo da vida é esforçar-se para tornar outras vidas . . . mais felizes" ("Sou Imensamente



Grato”, *A Liahona*, março de 1970, p. 3).

Foi como uma luz na escuridão. Isto se tornou um lema, uma luz que nos guiava. Naquela noite, falando por inspiração do Senhor, creio eu, o patriarca de nossa família disse-me: “Você não precisa ter filhos para amar as crianças. O amor não é sinônimo de possuir, e possuir não é necessariamente amar. O mundo está cheio de pessoas para serem amadas, orientadas, ensinadas, estimuladas e inspiradas.”

Meu marido e eu sabíamos que os pais são constantemente colocados em situações que desenvolvem o altruísmo e o sacrifício. Começamos a perceber que, se quiséssemos aprender as lições importantes que nossos amigos que têm filhos estavam aprendendo, precisávamos colocar-nos em situações em que pudéssemos servir e nos sacrificar. Assim, começamos a dizer sim a tudo e a todos.

Não demorou muito para que tivéssemos oportunidades de serviço e sacrifício. Muitas vezes, no final de uma longa semana, planejávamos estar um momento juntos – apenas nós dois – e o telefone tocava. Adiávamos nosso momento juntos e levávamos adiante nossas oportunidades com o coração alegre e grato, esperando nos qualificar, mesmo que apenas um pouquinho, para a qualidade da qual o Élder Neal A. Maxwell falou:

“Tantas vezes nossas irmãs (e eu acrescentaria irmãos) consolam os outros, quando suas necessidades são ainda maiores que as dos consolados. Tal virtude é semelhante à generosidade de Jesus no madeiro. Empatia durante a dor é uma centelha de divindade! . . . Elas não perderão suas bênçãos, porque algumas coisas não se realizam agora”. (“As Mulheres de Deus”, *A Liahona*, outubro de 1978, pp. 16-17.)

Nós, que não temos filhos, podemos atolar-nos em autopiedade – ou podemos sentir uma dor que traz alegria, se nos esforçarmos para abrir a passagem para a vida eterna para nós mesmos e para outras

pessoas. Presto-lhes testemunho de que, ao invés de consolar a si próprios, vocês podem atingir os outros. Fazendo isto, um dia vocês poderão até segurar os bebês de seus amigos e se alegrar. Vocês poderão alegrar-se com a mãe de uma noiva, e com a mãe de um missionário que acaba de ser chamado, e mesmo com suas amigas no dia em que elas se tornam avós. Como isso pode acontecer? Permitam-me que lhes diga.

Em um determinado ano, meu coração chorava à medida que eu percebia que o Natal se aproximava. Embora meu marido e eu pudéssemos partilhar da alegria e alvoroço de nossos sobrinhos e sobrinhas, não era como ter nossos próprios filhos numa época tão especial do ano. A coisa toda me parecia injusta. Sentia a escuridão e a desesperança pairando sobre mim, e fiz o que havia aprendido a fazer no decorrer dos anos. Ajoelhei-me e orei por discernimento.

A resposta veio, quando abri as escrituras em Doutrina e Convênios 88:67-68: “E se os vossos olhos estiverem fitos só na minha glória, (e lembrem-se, a glória de Deus é ajudar a proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem (Moisés 1:39) os vossos corpos se encherão com luz, e em vós não haverá trevas; e o corpo que é cheio de luz compreende todas as coisas.

Portanto, santificai-vos para que as vossas mentes se ponham em acordo com Deus, e dias virão em que o vereis; pois vos desvendará o seu rosto, e será no seu próprio tempo, no seu próprio modo, e de acordo com a sua própria vontade.”

Não sei o quanto demorará para vocês. Para nós, foram anos. Mas um dia terão uma perspectiva eterna, e sentirão paz, não dor, esperança, e não desespero. Eu gostaria de ter recebido esse discernimento muitos anos antes, mas sei que, se isso tivesse acontecido, eu teria sido privada do crescimento que obtemos, quando somos confortados pelo testemunho do Espírito depois da prova de nossa fé. □

NO CÉU EU VIVI

Com Simplicidade ♩ = 48-58



1. Há mui - to tem - po no céu com meu Pai eu vi - vi
2. E - ra pre - ci - so que al - guém mui - to chei - o de a - mor
3. As - sim o nos - so Mes - si - as Je - sus se tor - nou



Sei que a - mei as pes - so - as que lá co - nhe - ci
Des - se sua vi - da e fos - se nos - so Re - den - tor
Pe - lo seu no - me a mor - te e o mal con - quis - tou



O Pai Ce - les - te seu pla - no nos ve - io mos - trar
Um ou - tro quis pa - ra si - to - da a hon - ra to - mar
Deu - me es pe - ran - ça de vi - da e - ter - na al - can - çar



Pa - ra o ho - mem po - der sal - va - ção al - can - çar.
Mas foi Je - sus que ao Pai to - da a glo - ria quis dar.
No lar ce - les - te on - de o Pai es - ta - rá a me es pe - rar.



Letra e música: Janeen Jacobs Brady, nasc. 1934 Copyright © 1987 por Janeen Jacobs Brady.
Este hino pode ser copiado para uso não comercial na Igreja ou no lar.

“N ão sei por que nossos filhos estão sempre doentes!”

“Essas infecções estão-nos custando tanto dinheiro, que ficamos sempre pobres.”

“Thomas não pode deixar de ir à escola, mesmo que esteja doente!”

“Um bispo não pode ficar em casa simplesmente por causa de uma febrezinha!”

Estes comentários nos dão algumas indicações importantes a respeito de como as doenças infecciosas se espalham. A Igreja está cheia de pessoas trabalhadoras e dedicadas, que desejam ajudar os outros e cumprir suas designações, e que querem que seus filhos estejam na escola e na Igreja. Assim, essas pessoas freqüentemente saem e mandam seus filhos saírem quando estão doentes.

Às vezes, o problema é muito maior do que simplesmente não sentir-se bem. Por que? Porque as pessoas doentes quase com certeza vão expor os outros aos seus germes e fazer com que terceiros fiquem doentes.

Ficar distante dos outros quando temos uma *doença infecciosa* não significa negligenciar nosso dever. Ao contrário, é uma amabilidade. Conselheiros das presidências ou membros do bispado e outras pessoas de boa vontade podem ajudar a cumprir uma designação, quando alguém fica doente.

Quando as pessoas devem ficar em casa? Quando têm uma *infecção*. Muitas infecções são causadas por bactérias ou vírus. Infecções são problemas como furúnculos, catapora, sarampo, infecções nos olhos e gripe. Alguns sintomas, ou sinais de infecção são febre, tosse, dor de garganta, coriza, diarréia ou vômitos. Se você tiver qualquer um desses problemas, pode fazer alguém mais ficar doente. O médico de sua família



ou o sanitarista de sua área pode ajudar a aconselhar quais doenças são infecciosas ou contagiosas.

Especialmente as crianças devem ficar longe dos berçários e de outras crianças quando estão doentes. A doença passa rapidamente de uma criança para outra, quando elas brincam juntas.

Em consideração aos líderes (que nem sempre têm como cuidar de uma criança doente) e às outras crianças, os pais devem tomar outras providências para cuidar da criança, quando ela estiver doente.

Tanto quanto possível, os pais devem também ser sensatos e manter os membros da família que estão doentes longe dos outros familiares. A pessoa doente deve ter sua própria roupa de cama e toalhas, e seus pratos devem ser lavados com água fervente para matar qualquer germe. Embora alguns germes ainda se espalhem pelo ar, ter cuidado pode diminuir a possibilidade de outros membros da família ficarem doentes.

Por quanto tempo as pessoas doentes devem ficar distantes dos outros? Isso depende da doença, mas deve ser um tempo suficiente para que os sintomas, ou sinais da doença, desapareçam. Um médico pode aconselhá-lo em situações específicas.

Se todos estiverem mais conscientes de como as doenças podem espalhar-se rapidamente e fizerem um esforço para mudar o seu comportamento quando estão doentes, as doenças na Igreja serão reduzidas. Menos dias serão perdidos despesas médicas sofrerão menos. que aqueles que “devem ficar em

Glen C. Griffin é um *Minnesota*.

na escola ou no trabalho. As serão menores. As pessoas A maneira de se fazer isso é têm *doenças infecciosas* casa e não ir à Igreja!” □

médico que mora em *Minneapolis*,

QUANDO FICAR EM CASA E NÃO IR À IGREJA

Glen C. Griffin

VERDADES PERDIDAS RESTAURADAS:

PARTE I

O que nós não saberíamos a respeito do Salvador, se não tivéssemos o Livro de Mórmon.

Gilbert W. Scharffs

“**O**brigada pelo Livro de Mórmon. Não acredito que ele tenha sido inspirado por Deus ou que ele nos leve ao Evangelho de Cristo. Mas gostei de tê-lo como referência em meu estudo de religiões não cristãs.”

Isso foi uma parte da carta que minha mulher e eu recebemos de uma senhora no meio-oeste dos Estados Unidos. Alguém lhe dera um exemplar do Livro de Mórmon com a fotografia e o testemunho de nossa família na contracapa da frente. Quando respondi a ela por telefone, tivemos uma conversa agradável; e eu perguntei se poderia escrever e explicar-lhe do que trata o Livro de Mórmon. Ela concordou, e eu lhe escrevi sobre o livro, incluindo muitos dos conceitos sobre Jesus Cristo alistados neste artigo.

Na verdade, tenho trabalhado nesta lista grande parte da minha vida. Quando missionário, eu sabia meia duzia de maneiras pelas quais o Livro de Mórmon aumenta nosso conhecimento sobre Cristo. A partir daí, cada vez que ensinei ou li o Livro de Mórmon nos últimos trinta anos, a lista ficou maior. Espero que a lista continue a crescer a cada vez que eu reler esse livro de escrituras da antiga América.

Néfi teve uma visão dos últimos dias, na qual soube que “muitas coisas claras e preciosas” haviam sido tiradas da Bíblia (1 Néfi 13:28). Estou convencido de que o Livro de Mórmon não apenas testifica de Jesus Cristo, mas também restaura algumas dessas claras verdades perdidas a respeito dele. Ele não ape-



nas confirma as doutrinas a respeito de Cristo que aprendemos na Bíblia, mas também acrescenta coisas a elas.

1. O sacrifício expiatório de nosso Redentor atinge aqueles que morrem sem lei, incluindo as criancinhas que morrem sem batismo. Muitos cristãos não só excluem os não-cristãos dos efeitos do sacrifício expiatório, mas também acreditam que as crianças não batizadas estão perdidas. Jacó, profeta do Livro de Mórmon, ensinou que, onde nenhuma lei é dada, não há condenação, por causa da misericórdia de Cristo (ver 2 Néfi 9:25). O rei Benjamim lembrou a explicação de um anjo, segundo a qual o “sangue (de Cristo) expiará os pecados dos que . . . morreram sem conhecer a vontade de Deus acerca de si mesmos, ou que pecaram por ignorância” (Mosiah 3:11-12).

Graças a uma carta de Mórmon para Morôni, aprendemos que “seus filhos pequenos não

necessitam de arrependimento nem de batismo . . . Mas as criancinhas vivem em Cristo” (Morôni 8:11-12).

2. A morte de Cristo na cruz trouxe uma ressurreição universal para toda a humanidade, independente do que a pessoa crê ou realiza. Vários cristãos crêem que os efeitos da expiação de Cristo são limitados. Muitos ensinam que a crença em Cristo é necessária para a ressurreição. Outros acreditam que o batismo e outros sacramentos são necessários para a ressurreição. No entanto Jacó ensinou claramente que Cristo “sofre tudo isto (a

S

eus filhos

pequenos não necessitam
de arrependimento nem
de batismo. Mas as crian-
cinhas vivem em Cristo.

(Vide Morôni 8:11-12.)

expição), para que os homens ressuscitem e para que *todos* possam comparecer diante de Cristo no grande dia de julgamento” (2 Néfi 9:22; grifo nosso). Morôni escreveu: “Devido à redenção, que veio por Jesus Cristo, . . . todos os homens são redimidos . . . por meio da qual vem a redenção de um interminável sono” (Mórmon 9:13). Essa é uma contribuição significativa para o entendimento da teologia cristã de justiça e misericórdia.

3. *A expiação do Senhor trouxe a ressurreição física, não apenas a espiritual.* Muitos acreditam que a ressurreição da humanidade, por meio da expiação de Cristo, não inclui o corpo físico. As traduções da Bíblia diferem a respeito do assunto, gerando confusão. Por exemplo, Jô, 19:26, na Versão do Rei Tiago, diz: “E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus.” Na Bíblia Anchor diz: “Mesmo depois de consumida minha pele, sem minha carne verei a Deus.” [N. do T.: A Bíblia Anchor não foi traduzida para o português.]

Não há confusão no Livro de Mórmon. Pouco depois da morte de seu pai, Léhi, Jacó ensinou que “veremos a Deus em nosso corpo” (2 Néfi 9:4). Muito mais tarde, Amuleque ensinou que “a morte de Cristo afrouxará os laços dessa morte temporal . . . o espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão restabelecidos a seus próprios lugares” (Alma 11:42-43).

4. *Tão grande foi o sofrimento de Cristo, que derr-*

mou sangue por todos os poros. O Livro de Mórmon esclarece uma passagem bastante controvertida do Novo Testamento, relativa à extensão e natureza do sofrimento de Cristo, no Jardim do Getsêmani: “E posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão.” (Lucas 22:44).

Muitos cristãos concluem que esse versículo compara o suor a gotas de sangue, tratando esse incidente figurativamente. Essas pessoas sentem que Jesus não suou realmente sangue, quando sofreu.

No entanto, o rei Benjamim descreveu claramente o relato feito pelo anjo do sofrimento pelo qual Cristo passou: “E eis que sofrerá tentações, dores corporais, fome, sede e cansaço maiores do que os que o homem pode suportar, . . . pois que correrá sangue de cada um de seus poros, tão grande será sua angústia pelas maldades e abominações de seu povo” (Mosiah 3:7; grifo nosso).

5. *A expiação de Cristo teve por finalidade satisfazer as exigências da justiça.* Este conceito é bastante conhecido, mas apenas o Livro de Mórmon ensina claramente que a expiação do Salvador “(satisfaz) as exigências da justiça” (Mateus 15:9; ver também Alma 42:15). Alma perguntou: “Acaso supões que a misericórdia possa roubar a justiça? Eu te afirmo que não; de forma alguma” (Alma 42:25). Em outras palavras, a fim de que nos fosse garantida a misericórdia, caso seguíssemos seus ensinamentos, Jesus





Se Adão não

houvesse transgredido,
teria permanecido no
Jardim do Éden. E todas
as coisas deveriam ter
permanecido no mesmo
estado para sempre.

(Vide 2 Néfi 2:22.)

ofereceu-se em pagamento por nossos pecados, para que as exigências da justiça pudessem ser satisfeitas.

6. *A expiação de Cristo era parte de um plano eterno que incluía a queda do homem.* Muitos cristãos pensam na queda como uma grande tragédia, acreditando que Adão e Eva eram pecadores iníquos e que a expiação era necessária apenas para compensar o erro deles. Essa interpretação é compreensível por causa do relato bíblico incompleto.

Felizmente, o Livro de Mórmon esclarece a relação da queda com a expiação. Léhi explicou: "Se Adão não houvesse transgredido . . . deveriam ter permanecido no mesmo estado" para sempre. Conseqüentemente, Adão e Eva "não teriam tido filhos" (ver 2 Néfi 2:22-23). Ele também explicou que não haveria alegria, porque não haveria tristeza; não haveria retidão, porque não haveria mal. Em última análise, não haveria oportunidade de vida eterna (ver os versículos 11-27).

"Desde a fundação do mundo", muito antes da queda, o Salvador foi preparado para sua missão redentora (Éter 3:14). A queda trouxe oposição e a oportunidade de efetuar escolhas; a expiação do Salvador nos capacitou a efetuar escolhas que levam à vida eterna (ver 2 Néfi 2:27).

A Bíblia nunca se refere à queda de Adão e Eva e à expiação como parte de um plano. O Livro de Mórmon, ao contrário, frequentemente usa expres-



sões como "o plano de nosso Deus" (2 Néfi 9:13), "o eterno plano para salvar-nos" (2 Néfi 11:5), "plano de redenção" (Alma 12:25), e "o grande plano de felicidade" (Alma 42:8). A expressão "plano de salvação" foi usada pela primeira vez nas escrituras por Jarom (Jarom 1:2).

7. *Sem a expiação do Salvador, todos os habitantes da terra estariam sob o controle de Satanás.* O poder que Satanás pode exercer sobre os homens e mulheres não está claramente explicado na Bíblia e, assim, um dos propósitos da expiação nunca fica claramente explicado nela. Jacó, porém, ensinou: "Oh, a sabedoria de Deus, sua misericórdia e graça! Pois, se a carne não mais se levantasse, nossos espíritos estariam à mercê (do) . . . demônio (2 Néfi 9:8).

Mórmon registrou a explicação de Abinádi de que o demônio teria poder sobre a humanidade, porque a queda "fez com que toda a humanidade se tornasse carnal, sensual e diabólica, sabendo distinguir o mal do bem e sujeitando-se ao diabo" (Mosiah 16:3). Os vários versículos seguintes dizem que a expiação propicia que as pessoas escapem do domínio do diabo (ver Mosiah 16:4-12). □

(Continua)

Gilbert W. Scharffs é Instrutor do Instituto de Religião SUD, da Universidade de Utah, Cidade do Lago Salgado.

A LEITURA MAIS EMOCIO- NANTE



M Robert K. Thomas

uitas vezes concordamos que a "literatura" pode ser interessante – até mesmo emocionante – mas achamos que as escrituras são algo para ser lido obedientemente, com pouca expectativa quanto ao tipo de satisfação que esperamos da literatura secular. Ao estabelecer um esquema de leitura, raramente esperamos ser arrebatados e ir além daquilo que havíamos previamente decidido. Na verdade, muitas vezes olhamos adiante, para ver quantos versículos nosso capítulo para hoje tem – e suspiramos quando descobrimos que é um dos longos.

Devemos encarar de maneira diferente a leitura mais emocionante jamais proporcionada à

Devemos encarar de maneira diferente a leitura mais emocionante jamais proporcionada à humanidade.

humanidade. As escrituras nos oferecem esse tipo de material. Elas devem ser testadas, analisadas e devemos refletir e orar a respeito delas. Só então sua beleza e significado se tornarão evidentes. A leitura séria nunca é uma leitura leve, mas pode ser imensamente compensadora e estimulante, pois conhecemos pessoas que estão lutando para encontrar um significado para a vida, exatamente como nós. Quando lemos, nunca estamos sem amigos. Pessoas que morreram há muito tempo, e de países distantes, falam a nossas mentes e tocam nosso coração. Quando desenvolvemos nossa capacidade de prestar atenção ao que eles têm a dizer, conseguimos atingir aquilo que esperavam de nós. E, mais emocionante que tudo passamos a conhecer, realmente *conhecer*, aqueles que têm as mesmas aspirações que nós – e sofremos com aqueles que não aproveitam as oportunidades inesperadas.

Vejamos Quêemish, do Livro de Ômni. Ao ler a pequena, mas pungente contribuição de Quêemish às placas de Néfi, penso em todas as oportunidades que perdi por não estar preparado. Talvez Quêemish não esperasse ter a oportunidade de escrever, pois as placas geralmente passavam de pai para filho, e não de irmão para irmão, mas ele parece estar preparado para dizer apenas que viu como seu irmão escreveu, que agora é sua vez, e é assim que mandaram que eles fizessem. "E assim termino". Posso quase senti-lo sacudindo-me e tentando explicar que ele não estava preparado, que não *esperava* escrever – e decido que vou deixar que o exemplo de meu amigo Quêemish permaneça suficientemente vivo, a fim de que eu esteja sempre pronto para o que me pedirem que faça.

Também me conscientizo da força de um homem como Enos, cujo relato está repleto de palavras de ação. Enos é um dos poucos profetas nas escrituras que nos diz como vai *sentir-se*, quando estiver na

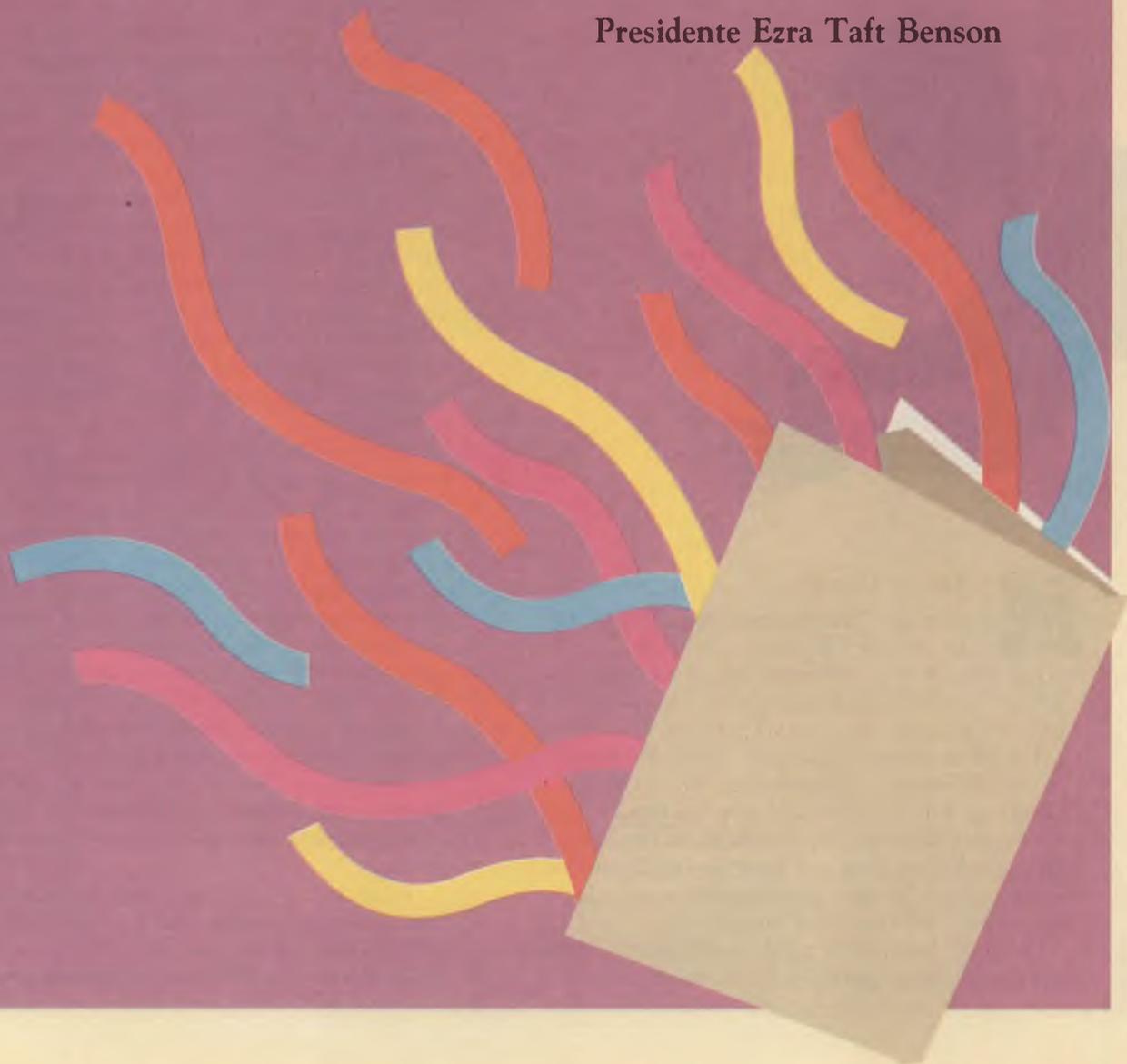
presença do Senhor – “então verei a sua face com prazer”. De alguma forma esperamos isso de um homem tão vigoroso.

Talvez, para *lermos* realmente as escrituras, precisemos refletir sobre a implicação total das

palavras de João 1:14: “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. Quando toda a nossa capacidade se volta para a palavra de Deus, ela se torna viva. Os profetas se tornam reais para nós, e podemos confiar no Senhor como nosso amigo mais querido. □

Estas duas citações a respeito de livros tiveram grande influência sobre mim já na infância. “Sê tão cuidadoso com o livro que lês quanto com quem andas pois teus hábitos e caráter serão influenciados tanto por um quanto pelo outro”; e “Com exceção de um homem vivo não há nada tão maravilhoso quanto bons livros.” De todo o coração exorto os jovens a cultivarem o hábito da leitura. A fim de que vossa leitura tenha o máximo de proveito, porém, escolhei-a tão cuidadosamente quanto escolheis vossos amigos. Acredito que fazemos isso lembrando-nos de que se gastarmos o tempo lendo um livro vulgar, seremos forçados a deixar de lado um de valor.

Presidente Ezra Taft Benson



EXPERIÊNCIA MÓRMON

ANNA NADASDI

PRESERVANDO A HISTÓRIA DE SUA FAMÍLIA

De acordo com relato feito a
Blaine E. Anderson

Quando Anna Nadasdi participa de ordenanças no templo, seu entusiasmo é óbvio. É fácil entender esse entusiasmo, quando se conhece a sua história.

A irmã Nadasdi nasceu na Hungria e foi criada na Igreja Católica Grega. Seu pai, que havia trabalhado nos Estados Unidos quando jovem, contou-lhe muitas histórias daquela distante “terra da promessa”.



Ela era jovem, quando seu país durante a Segunda Guerra Mundial foi invadido. Durante aqueles anos perigosos, ela sempre carregava consigo os registros genealógicos de sua família para provar às autoridades que não era judia. Os registros, abrangendo um período de cem anos, estavam cuidadosamente embrulhados em uma bolsa feita de palha de milho trançada.

Depois da guerra, casou-se. Ela e o marido decidiram deixar a Hungria, mas não conseguiram obter visto de saída. O único caminho aberto para eles era através de um campo minado coberto com arame farpado e guardado por soldados em torres de vigia. Depois de pensarem muito, eles decidiram certa noite, fazer a perigosa viagem. Rastejando em agonia pelo campo minado, esperavam a qualquer momento explodir, atingidos por uma mina, ficar presos no arame farpado, ou ser atingidos por tiros. “O Senhor devia nos estar guiando”, diz a irmã Nadasdi, “porque atravessamos em segurança para a Áustria. Tudo o que tínhamos conosco eram as roupas que estávamos usando – e minha história da família. Senti que tinha de levar mais registros de história da família comigo, embora isso tornasse o rastejar pelo campo minado ainda mais difícil.”

Não encontrando quem se responsabilizasse por eles nos Estados Unidos, o casal emigrou para a Austrália. Mas as lembranças das histórias de seu pai sobre os Estados Unidos continuavam em sua mente.

Certa noite, a irmã Nadasdi teve um sonho incomum. Viu um belo edifício com muitas torres, circundado por um lindo gramado e por árvores. Viu pessoas felizes ali entrando e saindo. Quando acordou, a lembrança do edifício estava clara em sua mente, mas não tinha idéia do que era ou de onde ficava. Frequentemente pensava em seu sonho e se perguntava o que ele significaria.

Em 1954, a irmã Nadasdi e seu marido se separaram.

Os anos passaram e ela foi bem sucedida em seu trabalho como funcionária do governo, mas a irmã

Nadasdi sentia que algo importante faltava em sua vida. Como esse sentimento se tornasse mais forte, ela decidiu orar a Deus. Julgando-se sozinha e desesperada, encontrou um lugar isolado e começou a implorar ao Senhor: Depois de relatar as muitas dificuldades de sua vida, ela perguntou: “Se há outro caminho, por que não o mostras a mim?”

Quase imediatamente após a oração, ela encontrou dois missionários SUD que haviam acabado de entrar no edifício em que ela morava. Depois que eles se apresentaram e explicaram o propósito de sua visita, a irmã Nadasdi pensou: “Quando eu estava falando com o Senhor, esses dois jovens já estavam prestes a entrar em minha vida. Certamente eles têm uma resposta para mim.”

A irmã Nadasdi foi receptiva à mensagem do evangelho, mas foi particularmente tocada, quando eles mostraram uma foto do templo de Lago Salgado e ela reconheceu o belo edifício de seu sonho. “Se os braços da poltrona não me tivessem segurado”, disse ela mais tarde, “eu teria caído no chão!” Em resposta ao seu forte interesse, os líderes explicaram a doutrina das ordenanças no templo, para os vivos e para os mortos.

“Finalmente entendi por que havia carregado a história de minha família quando saí da Hungria”, diz ela. Enquanto os missionários falavam, ela sabia que se filiaria à Igreja e um dia iria ao templo de Lago Salgado para fazer as ordenanças para si mesma e para sua família.

A irmã Nadasdi foi batizada e realmente empreendeu a longa viagem de ida e volta da Austrália para a Cidade do Lago Salgado, para fazer suas próprias ordenanças e as de seus familiares.

Em 1983, depois de visitar a Hungria, a terra de seu nascimento, ela mudou-se para a Cidade do Lago Salgado, para aposentar-se e realizar seu maior desejo, que era servir na Casa do Senhor, com a qual havia sonhado tantos anos antes. □

Finalmente
compreendi por que havia
carregado a história de minha família
quando saí da Hungria.”

“Vou Ficar Uma Hora”

Robert K. Rey

Por muito tempo pensei que o entusiasmo pelo evangelho era para recém-conversos ou para missionários que haviam voltado recentemente da missão. Para mim, o evangelho era verdadeiro, mas não vivo. Demorei muitos anos para aprender que tornar o evangelho vivo envolve caminhar a segunda milha – atingir os outros e perder-se.

Durante cinco anos estive inativo na Igreja. Quando decidi tornar-me ativo novamente, comecei a viver o evangelho de todo o coração.

Mas, à medida que o tempo passava, ia-me desiludindo. Alguns membros da Igreja que eu conhecia não eram modelos ideais de vida cristã. Outros eram negligentes no trabalho. Comecei a sentir que o viver puro, cristão, era uma meta irreal.

Depois que fui para a faculdade, ainda estava ativo na Igreja, mas meus pensamentos começaram a concentrar-se em minha carreira. Ir à Igreja parecia cada vez mais um ritual. O evangelho não era a fonte de minha realização mais profunda.

Certo dia, ocorreu-me um pensamento: eu não estava vivendo à altura daquilo que sabia ser verdadeiro!

Comecei a esforçar-me mais para santificar o Dia do Senhor. Tentei magnificar meu chamado, ler os discursos das conferências nas revistas da Igreja e participar dos ensaios de coro. Como mestre familiar, ajudava minhas famílias como podia no intervalo das visitas. Mesmo com todo o esforço, não me sentia nem um pouco mais espiritual. Perguntava-me se algum dia isso iria acontecer.

Então fiz alguma coisa mais.

Na reunião do sacerdócio, foi feito um anúncio a

respeito de um casal que precisava de ajuda para se mudar de uma casa para outra. Eu geralmente ignorava esse tipo de anúncio, achando que não conhecia as pessoas e que seus amigos mais íntimos estariam lá para ajudá-los. Eu tinha ainda um currículo difícil na escola que exigia muito estudo. Desta vez, porém, decidi ajudar.

No dia marcado, fui de bicicleta até a casa deles. Sentia-me constrangido, não querendo que eles pensassem que eu estava tentando mostrar como era um “bom rapaz”. Quando entrei na casa e vi pilhas de caixas que precisavam ser levadas até o caminhão, quase perdi o entusiasmo. “Vou ficar uma hora”, disse a mim mesmo. “Isso é cumprir meu dever.”

Sentindo-me ainda tolo por ajudar pessoas que eram praticamente estranhas, comecei a carregar as caixas para o caminhão.

Então aconteceu um pequeno milagre. Comecei a gostar do trabalho. “Perdi-me” ao dar e fiquei a tarde toda – até que o caminhão estivesse completamente carregado.

Voltei para casa suado, mas sentindo-me muito bem.

Às quatro horas da madrugada seguinte, acordei sentindo-me muito agitado. Por quê? Porque havia feito algo que não tinha de fazer. E me senti muito bem!

“Queria poder sentir-me assim o tempo todo”, pensei. Ouvira certa vez uma Autoridade Geral dizer que tinha “altos e baixos”, como todas as outras pessoas – só que ele havia aprendido a tirar vantagem de seus “altos”. Decidi tirar vantagem do meu. Levantei, ajoelhei-me e abri o coração a meu Pai Celestial. Senti um ardor tomar conta de mim,



e as lágrimas correram livremente. Finalmente eu estava provando os frutos de meus esforços para viver melhor o evangelho.

As recompensas do mundo pareceram banais em comparação com a paz e felicidade que eu sentia, sabendo que estava vivendo em harmonia com o desejo do Senhor. Aprendera o que significa o evangelho: amar e servir outras pessoas. Nada nos proporciona uma satisfação tão duradoura como a água viva do Evangelho de Jesus Cristo.

Robert K. Rey mora na Ala Bountiful Oeste Seis, Estaca Bountiful Oeste Utah.

NOITE FAMILIAR

PARA UM **Judyth F. Barton**

Quantas pessoas são necessárias para a realização de uma noite familiar?

Duas? Três? Uma?" Um conselheiro na presidência da estaca fez essa pergunta em uma reunião a que assisti há muitos anos. Sua resposta foi que não é



necessário ter mais de uma pessoa, e desafiou todos a realizarem noites familiares semanalmente.

Noite familiar para uma só pessoa? É uma coisa possível de se esperar? Como pode ser feita?

Nos anos que se passaram depois que ouvi esse desafio, tentei vários métodos de realizar uma noite familiar: reunir-me com outras famílias, reunir-me com outras pessoas sozinhas (voluntariamente ou por designação), e realizar uma noite familiar verdadeira para uma pessoa. Achei várias maneiras pelas quais tenho crescido muito por intermédio da noite familiar.

Nos primeiros anos como membro da Igreja, eu gostava muito de ser convidada para participar das noites familiares de outras famílias. Embora fosse fácil sentir-me como uma observadora e não como participante, isso me deu a oportunidade de ver como as famílias SUD fiéis funcionam. Uma vez que me filiei à Igreja quando era jovem, essa experiência foi extremamente valiosa.

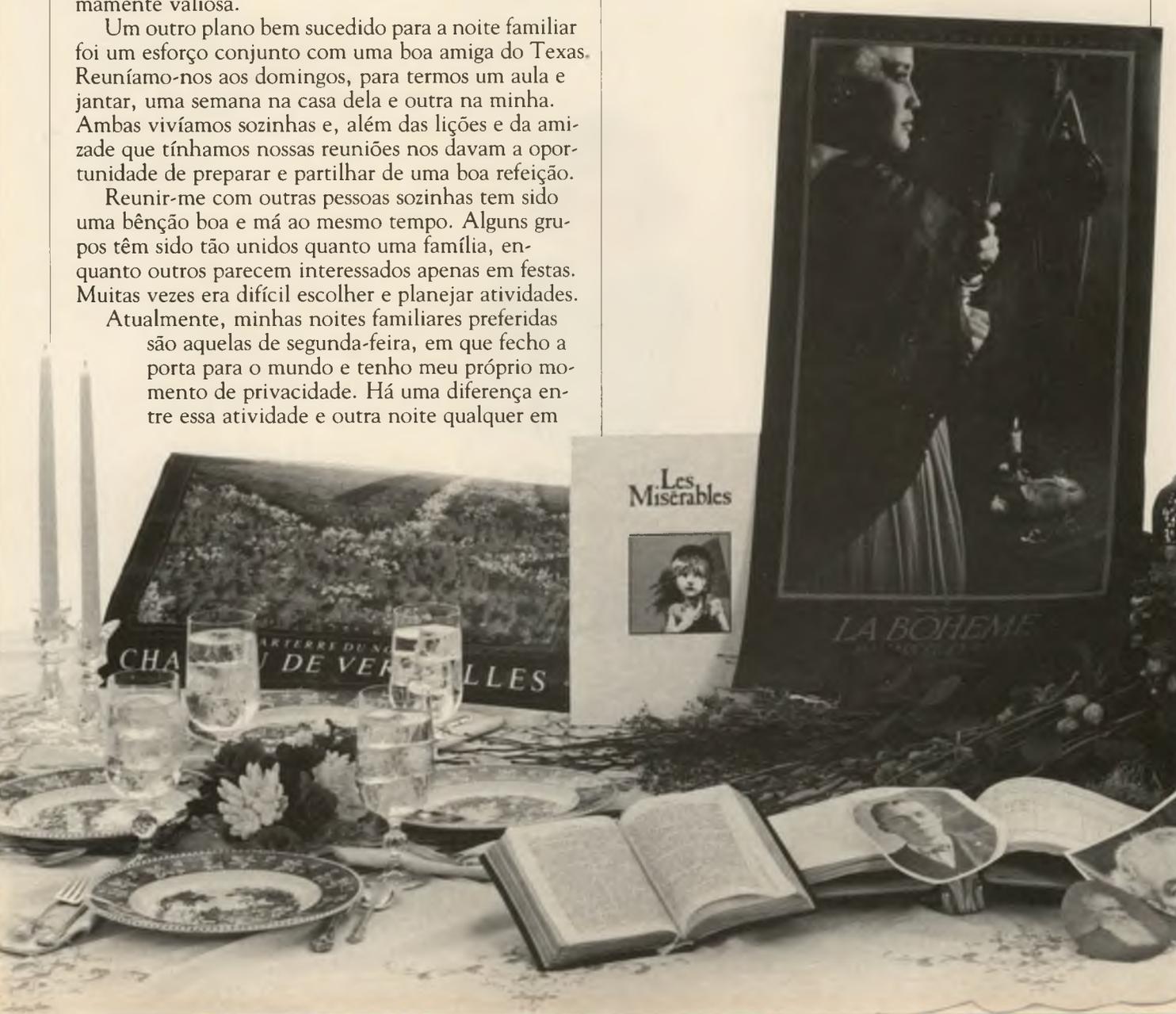
Um outro plano bem sucedido para a noite familiar foi um esforço conjunto com uma boa amiga do Texas. Reuníamos-nos aos domingos, para termos um aula e jantar, uma semana na casa dela e outra na minha. Ambas vivíamos sozinhas e, além das lições e da amizade que tínhamos nossas reuniões nos davam a oportunidade de preparar e partilhar de uma boa refeição.

Reunir-me com outras pessoas sozinhas tem sido uma bênção boa e má ao mesmo tempo. Alguns grupos têm sido tão unidos quanto uma família, enquanto outros parecem interessados apenas em festas. Muitas vezes era difícil escolher e planejar atividades.

Atualmente, minhas noites familiares preferidas são aquelas de segunda-feira, em que fecho a porta para o mundo e tenho meu próprio momento de privacidade. Há uma diferença entre essa atividade e outra noite qualquer em

casa. Não parece importar exatamente qual a atividade boa que eu escolho durante esse tempo, mas uma oração para iniciar é fundamental. De alguma forma, o espírito presente é diferente então. Posso passar algum tempo pesquisando uma pergunta nas escrituras ou lendo sobre o assunto em minha biblioteca pessoal, ou posso realizar uma atividade cultural. Que bênção essas noites podem ser! Muitas vezes, o conhecimento obtido melhora as decisões que tomo.

Descobri que posso beneficiar-me de idéias de manuais para noite familiar de anos passados e do atual *Livro de Recursos para a Noite Familiar*. (Ele pode ser adquirido no centro de distribuição da Igreja, sob o



número PBHT5197PO.) As lições sobre a família e o relacionamento familiar podem ser mais difíceis de adaptar para aqueles que não têm seu próprio cônjuge ou filhos, mas, muitas vezes, essas lições podem ser adaptadas para nos ajudar a aprender princípios de relações humanas. Esses princípios são importantes para os que estão sozinhos também – mesmo que seja apenas para nos ajudar a ter sucesso na vida profissional. E nunca devemos esquecer nossa esperança no evangelho de que essas lições um dia sejam necessárias ao nos relacionarmos com nosso próprio companheiro eterno e com nossos próprios filhos!

Além das lições orientadas para a família, há lições que se aplicam diretamente à nossa situação como pessoas sozinhas, e muitas lições que se aplicam a todos, não apenas a famílias com filhos.

Durante uma noite familiar especial, estudei minha bênção patriarcal, buscando mensagens pertinentes para hoje. Lágrimas vieram-me aos olhos, ao sentir novamente o amor do Pai Celestial. Mais uma vez, fiquei sinceramente grata por esta revelação e diretriz pessoal. Pouco depois, planejei uma noite para estabelecer metas. Algumas vezes me deixo influenciar demais pelos objetivos das pessoas que me cercam – metas que não são certas para mim. Assim, durante a noite familiar, reajuste meu curso, considerando minhas próprias prioridades eternas.

Todos nós precisamos de um tempo para comparar nossa vida e nossas atividades com os padrões do

evangelho. Como uma visita ao templo, a noite familiar pode dar-nos a oportunidade de calar as vozes dos meios de comunicação, dos companheiros de trabalho e dos colegas que podem não ter nossos padrões. Podemos ser honestos conosco mesmos e nos comprometer novamente com os ideais que prezamos.

Outras atividades para uma noite familiar de uma pessoa sozinha podem incluir a leitura de um bom livro, a história da família ou a obra missionária, projetos de bem-estar e serviço. Ou sempre há uma carta para escrever a um ente querido ou amigo.

Às vezes tenho sentido que simplesmente não há tempo para tudo. No entanto, independente daquilo que é exigido de mim, descobri que é decisivo reservar um tempo para nutrição e crescimento espiritual. A reunião familiar ajuda a fortalecer minha fé e aumenta meu conhecimento.

Minhas noites familiares solitárias podem não ser apropriadas para todos. Como a noite familiar é usada na vida de uma pessoa sozinha é uma decisão do indivíduo; cada pessoa deve escolher o método que seja adequado à sua situação e personalidade. Mas os membros sozinhos que não têm filhos não devem supor que a noite familiar seja apenas para famílias completas. Sei por experiência própria, que a noite familiar pode ser uma bênção na vida de uma pessoa sozinha também.

*Judyth F. Barton mora no Ramo
Lincoln, Estaca Bangor Maine.*



UMA
NOITE
NO

MONTE TIM

O Scott Kearin ar estava tremendamente frio a quase 3.600 metros de altitude, enquanto o sol se punha rapidamente atrás das montanhas, do outro lado do vale, e as primeiras estrelas apareciam. Milhares de outras luzes brilhavam lá embaixo, a mais de 2.100 metros, no momento em que os habitantes do vale de Utah começavam a jantar em suas casas aquecidas.

Eu me sentia confortável em meu saco de dormir, mas confuso. Como poderia eu explicar o estranho ímpeto que me levara, por entre a neve e o gelo, ao topo do monte Timpanogos no final de outubro? A subida havia sido fria e difícil. Por que eu viera?

Estava no segundo ano da Faculdade de Direito e, embora fosse um excursionista experiente, não tinha estado nas montanhas havia meses. As primeiras neves do outono cobriam os declives superiores da encosta da montanha, mas repentinamente eu tive o inexplicável desejo de passar a noite no topo do Monte Timpanogos.

Parecia uma idéia louca, mas ao entardecer, coloquei meu equipamento para acampar na mochila e fui até o "canyon" onde começava a trilha para a montanha.

“As primeiras neves do outono cobriam os declives superiores da encosta da montanha, mas repentinamente eu tive o inexplicável desejo de passar a noite no topo do Monte Timpanogos.”



MPANOGOS



Mark Beuhner

Será que estava procurando uma aventura? Será que eu simplesmente precisava de uma mudança na rotina da Faculdade de Direito? Não tinha certeza.

Restavam apenas poucas horas de claridade, quando comecei a caminhar, por isso corri pela trilha por entre árvores espalhadas. Logo estava subindo a íngreme encosta leste da montanha.

Depois de haver percorrido alguns quilômetros, fiquei surpreso ao ver alguém subindo pela trilha na minha frente. Quando cheguei mais perto, percebi que a pessoa que caminhava não era alpinista comum. Era uma mulher de meia idade que percorria com dificuldade o caminho em direção ao topo. Ela levava apenas uma pequena mochila, sem nenhum equi-

Em meus sonhos, ouvi uma voz gritando por socorro.”

pamento para sobrevivência à noite.

Disse-me que estava na trilha desde a manhã. Contou-me orgulhosamente ser aquela a primeira vez que subia, e estava determinada a alcançar o topo.

“Não deixe que sua perseverança a ponha em dificuldade”, adverti. “A senhora provavelmente não vai atingir o topo antes do anoitecer. Seria melhor voltar logo, caso contrário terá de achar o caminho no escuro.”

Continuei a subir a trilha, ultrapassando-a, certo de que ela voltaria em poucos minutos. Afinal, ela não tinha nem mesmo um saco de dormir. Poderia morrer congelada, se ficasse presa na montanha durante a noite.

Passei por um lago na encosta oriental da montanha e comecei a caminhar pela neve fresca a 3.000 metros. Depois de uma subida penosa e exaustiva pelo íngreme declive norte do pico, vi-me frente a uma subida ainda mais íngreme, que passava por trechos espalhados de neve e gelo. Um tombo ali teria terminado em uma queda incontrollável de milhares de metros.

Finalmente, terminei a subida pelo cume fino como uma faca que era o topo do Monte Timpanogos, a 3.580 metros de altura. A encosta oeste escarpada da montanha estava bem a meus pés, proporcionando-me uma visão incrível dos vales de Utah e do Lago Salgado.

Desenrolei o saco de dormir no pequeno abrigo coberto que havia no topo da montanha. O chão de pedra não seria muito confortável, mas, pelo menos, as paredes de metal do abrigo, que ficavam à altura da cintura, impediam que eu rolasse pela montanha.

Quando o sol se pôs, a temperatura começou a descer rapidamente. Passei alguns minutos apreciando a vista, e depois me recolhi ao quente saco de dormir para passar a noite.

Quando adormeci, ouvi uma voz em meus so-

nhos. A voz estava gritando por socorro. Os gritos continuaram até que eu, de repente, sentei e percebi que não estava dormindo. Os gritos vinham lá de baixo, mas eu os ouvia claramente no ar claro da noite.

Parecia impossível, mas alguém – e eu sabia quem — estava vagando pela encosta gelada da montanha na escuridão da noite.

Vesti minhas calças e a jaqueta e segui o facho de luz oscilante de minha lanterna, em direção aos gritos. Achei a mulher de meia idade em completa escuridão, em pé à borda de um abismo de 300 metros.

“Fiquei presa na montanha quando escureceu”, explicou ela. Tentou parecer calma, mas a maneira nervosa como falava mostrou-me que estava com muito medo. “Não pensei que o topo fosse tão longe. Perdi minhas duas lanternas em um precipício, há uma hora.”

Ela tremia e batia os dentes, enquanto subíamos tropeçando até o topo. Seu nome era Jane. Disse-me que o marido ainda devia estar esperando-a no carro no início da trilha.

De volta ao abrigo, dei-lhe o meu saco de dormir e disse-lhe que entrasse nele. No início ela resistiu, mas depois concordou, tremendo muito. Eu coloquei todas as minhas roupas quentes, agasalhei-me com uma blusa de lã extra de Jane, e me acomodei para passar a noite que seria, como corretamente presumi, umas das mais longas e frias de minha vida.

Eu estava com frio demais para dormir, e Jane estava nervosa demais, e assim ficamos acordados e conversamos. Em um determinado momento durante a noite, lembrei-me do famoso naturalista John Muir, que certa vez sobrevivera a uma noite preso em uma geleira no Alasca, dançando uma jigga escocesa até o amanhecer. Eu esperava que não fizesse tanto frio, a ponto de ter de seguir o exemplo dele.

Às 4 da madrugada, com uma temperatura de 5 graus Farenheit, vimos as luzes de uma equipe de busca e salvamento 450 metros abaixo do local onde estávamos. Eu fiz sinal com minha lanterna, e transmiti aos gritos a notícia de que Jane estava bem. “Desceremos com a primeira luz do dia”, berrei. “Esperem por nós.”

O som era transmitido extraordinariamente bem pelo ar parado da montanha. A resposta distante deles “Certo!” foi fácil de ouvir.

Quando os primeiros raios de luz atingiram a montanha, começamos a descer o declive escarpado e cheio de gelo da montanha. Antes de alcançarmos a equipe de salvamento, Jane e eu nos ajoelhamos juntos na neve para agradecer ao Pai Celestial, por ter sido evitada a tragédia. Nossa oração a 3.000 metros me convenceu de que a promessa contida na Bíblia era verdadeira: nem mesmo um passarinho cairia por terra sem a vontade de nosso Pai, muito menos minha nova amiga.

Quando saímos da montanha, o marido de Jane gritou de alegria e alívio. Ele tivera certeza de que ela estava morta até ter visto nossa luz ao amanhecer. Os voluntários de busca e salvamento também ficaram aliviados. Disseram que todos os anos removem da montanha corpos de alpinistas menos afortunados.

O que eu estava fazendo, dormindo no topo do Monte Timpanogos tão no fim da estação? Pareceu-me óbvio, então, como ainda me parece, que fui levado até lá para garantir a segurança de Jane. Eu havia feito uma coisa certa, seguindo meu impulso irresistível de subir a montanha. Mesmo a 3.000 metros, o Senhor realmente age de maneira misteriosa.

Scott Kearin, advogado, é um élder da Ala Millcreek Cinco, Estaca Salt Lake Millcreek.



O LIVRO DE MÓRMON COMO GUIA PARA OS PAIS

S Geri Brinley
emana após semana, minha frustração aumentava. Com três crianças pequenas e ativas, um marido que era um ocupado sumo conselheiro e que deveria estar logo servindo como presidente de missão, eu achava cada vez mais difícil manter um nível espiritual elevado. A ida à Igreja ajudava, mas como meu marido frequentemente viajava para cumprir designações, eu ficava sozinha no domingo para acalmar os pés impacientes de uma criança, enxugar as lágrimas de uma outra, ou trocar as fraldas do bebê. Meu espírito desejava desesperadamente ser nutrido.

Tinha noção do que precisava fazer, mas não sabia como fazer para que desse certo. As palavras que vira centenas de vezes em uma centena de aulas diferentes estavam indelevelmente gravadas em minha mente:

Orar sempre

Ler as escrituras

Viver os mandamentos

Eu estava vivendo os mandamentos. Estava orando, ou pensava estar. E estava tentando ler as escrituras sempre que o tempo permitia. Simplesmente o tempo não dava para que eu lesse muito frequentemente. Grande parte de meus dias era passada correndo de uma crise doméstica para outra, mal encontrando um minuto para ler as instruções da caixa de detergente para a máquina de lavar roupa, quanto mais para ler algo tão enaltecido como as escrituras.

Além disso, o que a jornada de Léhi para a terra prometida tinha a ver com meus problemas? Onde estavam o capítulo e o versículo do Livro de Mórmon, que diz como dar banho em uma criança de dois anos ou fazer uma outra de quatro anos recolher

seus brinquedos? Eu tinha certeza de que havia coisas mais importantes para me preocupar do que saber quem iria vencer a próxima guerra entre nefitas e lamanitas. Tinha três filhos que brigavam uns com os outros o tempo todo.

E assim, as semanas e os meses passavam, cheios de tarefas domésticas e responsabilidades na Igreja. Eu atendia às exigências e necessidades das crianças, de boa vontade, porque sabia que era isso que o Senhor queria de mim nessa época de minha vida. Mas ainda não conseguia tempo para ler as escrituras. Havia apenas um certo número de coisas que uma pessoa poderia fazer, dizia eu, encontrando desculpas defensivamente. Eu não estava fazendo tudo o que era esperado de mim? Se era assim, onde estavam as bênçãos prometidas – a alegria, a paz de espírito? Que crescimento espiritual se pode obter, varrendo o chão e trocando fraldas? Como poderia eu conciliar as tarefas e responsabilidades do dia-a-dia da criação dos filhos com a paz celestial da qual meu espírito estava faminto?

Alguma coisa tinha de ser feita – meu espírito estava sofrendo. Eu estava desesperada. Descobri que o único momento de calma de que dispunha era quando me trancava em um aposento duas ou três vezes por dia, para que pudesse ter uma conversa particular e sincera com o Pai Celestial. Eu realmente abria meu coração.

Várias semanas depois, o bispo me chamou para ser professora de Viver Espiritual na Sociedade de Socorro. Não era esse o tipo de ajuda que eu esperava, mas respirei profundamente e aceitei. Esse chamado mudou minha vida. O estudo e a preparação diários necessários para dar aquelas aulas ensinaram-me duas coisas. Primeiro, se o incentivo era suficientemente forte – nesse caso, medo de não estar prepa-



nientes. As entrevistas de Alma com seus filhos, em Alma 36-42, fizeram-me perceber o quanto ele conhecia cada um individualmente e como é importante um relacionamento pessoal com cada filho. Meu marido, Douglas, e eu começamos a realizar entrevistas com cada filho periodicamente e a fazer coisas sozinhos com cada um. Isso ajudou a determinar dias ou momentos especiais com cada filho e a tornar a hora de ir para a cama menos corrida e mais pessoal. Descobrimos que, ao tratar os filhos como indivíduos, eles sentiam menos necessidade de chamar nossa atenção de maneira negativa. À medida que eles se tornavam mais seguros de si e de sua função na família, cooperavam mais.

Outro exemplo de bons pais é encontrado em 2 Néfi 28:30, onde o Senhor explica que nos ensina apenas aquilo que estamos prontos a aceitar e entender. Somos ensinados passo a passo, à medida que nossa fé e obediência crescem. Quando aplicamos este princípio a nossos filhos, descobrimos que precisávamos saber o que cada criança era capaz de entender, de fazer e de sentir em idades diferentes. Então não iríamos pedir-lhes que fizessem mais do que eram capazes.

rada – encontrei tempo para ler as escrituras. Segundo, aprendi que, ao buscar as escrituras em espírito de oração, descobria que elas continham a resposta para todas as perguntas e problemas.

Certo dia, ocorreu-me que, se as escrituras podem responder a todas as perguntas do Livro da Sociedade de Socorro, elas deveriam poder responder às perguntas a respeito de criar filhos. Comecei a ler o Livro de Mórmon com um propósito. Sempre que descobria um exemplo para os pais, escrevia a referência com uma breve nota. Quando terminei, organizei os exemplos que descobri por princípios ensinados, e minhas aplicações de cada princípio.

Por exemplo, estava tendo dificuldades em fazer as crianças cooperarem. Elas brigavam umas com as outras, não atendiam quando eu pedia que ajudassem com pequenas tarefas, até que eu me tornava insistente ou ficava nervosa, e se comportavam mal ou ficavam se exibindo nos momentos mais inconve-

Quando comecei a fazer do estudo das escrituras parte da rotina diária, também comecei a analisar como eu guardava os mandamentos. Ao mudar minha atitude, pude ver as tarefas de casa e a maternidade não como deveres, mas como oportunidades de me tornar mais semelhante a meus pais celestiais.

Nem sempre é fácil manter essa perspectiva, quando as crianças estão brigando e o monte de roupa suja é tão grande quanto a pilha de louça suja. Mas é fácil enfrentar essas contrariedades, se meu espírito não estiver sofrendo de falta de nutrição. Agora, quando dou uma aula na Sociedade de Socorro, posso partilhar meu testemunho, com convicção, de que não há uma pergunta ou problema que enfrentemos que não possamos responder, buscando as escrituras. □

Geri Brinley mora na Missão Dallas Texas, onde seu marido, Douglas, é presidente de missão.

O QUE O LIVRO DE MÓRMON ENSINA SOBRE CRIAR FILHOS

São as seguintes as minhas escrituras do Livro de Mórmon preferidas sobre criação de filhos. Outras pessoas poderão encontrar outros versículos pertinentes.

<i>Princípio</i>	<i>Referência</i>	<i>Aplicação</i>
1. O pai (ou a mãe, se não houver pai) deve ser o líder espiritual da família e tem a responsabilidade de ensinar as crianças.	1 Néfi 1:1 1 Néfi 15:30 1 Néfi 16:23-27	O pai preside a noite familiar, presta testemunho à família, estuda as escrituras diariamente com elas, é exemplo, dirige a oração familiar diária, preside o conselho de família, e honra o sacerdócio.
2. A responsabilidade tanto do pai como da mãe começa quando a criança é ainda bebê; o papel é eterno.	2 Néfi 4:5-6 Alma 56:47-48 Mosiah 27	É necessário um relacionamento íntimo consciente, para desenvolver a confiança da criança nos pais. Os pais nunca devem deixar de lado um filho, mas continuar a orar, amar e abençoá-lo.
3. Um relacionamento individual é importantíssimo.	Alma 36-42	Realize entrevistas pessoais periodicamente. Faça coisas individualmente, de modo que cada criança tenha momentos especiais com os pais.
4. Conheça cada criança como indivíduo.	3 Néfi 26:9	Descubra de que as crianças, em vários estágios de desenvolvimento, são capazes física, mental e emocionalmente. Não espere demais em pouco tempo. As crianças têm de aprender a confiar nos pais, antes de poderem confiar em si mesmas.
5. Os pais devem ser humildes, dóceis, e espontaneamente admitir seus erros e se arrepender.	Alma 36	Admita seus erros como pai, como por exemplo uma culpa atribuída à pessoa errada, e espereza. Peça desculpas.
6. A criança aprende melhor quando é ensinada pelo exemplo.	3 Néfi 27:21, 27 Alma 25:17	Demonstre os seus valores sobre o Dia do Senhor, bons livros e filmes, educação, autocontrole, honestidade, respeito pela autoridade etc. Fale sobre as coisas em que crê e debata-as com os filhos.

7. A criança aprende melhor através do elogio, do reforço positivo, e de expressões de fé e confiança por parte dos pais.	3 Néfi 27-30 Helamã 10:5 Enos 1:1-8	Confie que seus filhos farão as coisas corretas e os elogie quando as fizerem. Se falharem, deixe que saibam do seu desapontamento, mas demonstre-lhes amor, deixando que eles tentem novamente.
8. Corrija as crianças quando necessário, e depois mostre muito amor a elas,	Helamã 15:3 Éter 2:14	As crianças precisam saber que você as ama, apesar de seus erros. Ensine-as sobre o potencial delas como filhos de Deus.
9. Estabeleça a regra e deixe que as conseqüências naturais aconteçam.	1 Néfi 8:37-38 Alma 30 3 Néfi 27:16-20 Éter 3:19, 26	Estabeleçam juntos uma regra, debatendo as conseqüências, e depois deixem que seus filhos usem o livre-arbítrio para determinar o seu comportamento. Resista à tendência de dizer "eu lhe disse isso", ou de poupar as crianças de todas as conseqüências.
10. Ensine as crianças a usarem o livre-arbítrio.	Alma 24:12-18 Helamã 14:30-31	Permita que as crianças tomem pequenas decisões no início da infância, para desenvolver a confiança e sabedoria. À medida que crescem, elas podem tomar decisões mais importantes.
11. Escute, escute, escute! Não seja rápido para aconselhar ou condenar.	Alma 20 (Exemplo negativo de ser pai)	As coisas nem sempre são como parecem ser. Dê às crianças o benefício da dúvida e não pense no pior. As crianças muitas vezes precisam de alguém que ouça, enquanto falam a respeito de seus problemas. Não se precipite para dar ajuda; ao contrário, ajude-as a achar uma solução.
12. A disciplina é necessária. Ela deve ser adaptada ou estabelecida de acordo com as necessidades de cada criança.	Mosiah 26:25-36 Alma 30:43-53 Mosiah 4:14-15	Existem métodos de disciplina para cada criança. Separe aquele que transgrediu, colocando-o em um lugar ou sala específica; faça a criança ficar em casa, longe das influências negativas, onde a mãe ou o pai pode dar-lhe apoio na tomada de decisões; faça a criança trabalhar ao lado de um irmão ou irmã com quem tem brigado; para ajudar a resolver desentendimentos, deixe que falem sobre seus sentimentos, para ver o ponto de vista do outro.
13. Ensine as crianças a gostar do trabalho e a servir outras pessoas.	Mosiah 4:15-16 Mosiah 6:6-7	As crianças precisam servir umas às outras e à família, para que se considerem valiosas.

OUTRA VEZ EMBRIAGADO

A Vida com um Pai Alcoólatra

E

sta é a história de minha juventude. Não é uma história alegre e não me agrada contá-la. Mas é uma história que continua acontecendo – talvez a você mesma ou a uma amiga sua. Minha história teve um final feliz e quero que saiba que a sua também poderá ser assim.

A coluna à esquerda de minha história são pensamentos para o filho ou filha de um alcoólatra. A coluna à direita, idéias para os amigos desse filho ou filha.

Não creio ter todas as respostas. Às vezes, não existe nenhuma resposta, exceto ter esperança e orar, e continuar vivendo da melhor forma possível.

Obviamente, tanto o pai como a mãe podem ser vítimas do alcoolismo. Mas, para facilitar, farei de conta que se trata de um pai e sua filha.

Minha História

Meu pai insistia que não era alcoólatra. Dizia que só tomava cerveja e que ninguém se torna alcoólatra tomando só cerveja. Acreditei nisso por muito tempo, porque o amava. Talvez até ele próprio acreditasse.

Ele vez por outra desaparecia por dois ou três dias e depois voltava para casa embriagado.

Ele apenas sorria e dizia: "Vou ficar bêbado."

Se Seu Pai For um Alcoólatra

Você não é responsável pelo alcoolismo de seu pai. A CULPA NÃO É SUA! Ele não bebe porque você não presta. Mesmo que você fosse perfeita, ele continuaria bebendo.

Possivelmente você tenha rogado ao Pai Celestial que faça seu pai parar de beber,

Se o Pai de Sua Amiga For um Alcoólatra

Talvez sua amiga se considere responsável pelo alcoolismo do pai. Toda vez que ele se embriaga faz com que ela se considere mais inútil.

Ajude-a a entender que a CULPA NÃO É DELA.

Talvez ela pense que Deus não a ama, porque

* Nome fictício do autor



É

**muito difícil
falar sobre o alcoolismo; mais difícil
ainda é suportar seu fardo sozinha.
Existem pessoas com quem poderá
abrir-se e que manterão sigilo
absoluto de tudo o que você lhes
contar.**

mas ele continua. Isto não quer dizer que o Pai Celestial não a ama. Ele a ama, sim! Mas é também obrigado a respeitar o livre-arbítrio de seu pai. Ele não força ninguém a fazer sua vontade.

Ele sempre saía quando estava zangado. E muitas coisas o deixavam zangado. Se eu chorava, ele ficava zangado. Se eu fazia perguntas demais, ele ficava zangado.

Se eu não falava o que ele queria, ele ficava zangado.

Muitas vezes eu ficava calada por medo de dizer alguma coisa errada. Então ele se zangava por eu estar calada.

Geralmente ele começava a beber na sexta-feira à noite. Quando se aproximava o fim da semana, eu me esforçava em ser boazinha. Achava que, se não fizesse nada de errado, ele não ficaria zangado e sairia para beber.

Ocasionalmente, ele não bebia na sexta-feira. Então eu achava que era por eu ter-me comportado bem.

Minha mãe me encorajava a pensar assim.

Esforcei-me com todo empenho em comportar-me bem, mas ele continuou a beber. Eu achava que a culpa era toda minha.

Eu orava para que não voltasse a beber. Ele continuou bebendo. Então pensei que o Pai Celestial não o fazia parar de beber, porque eu não merecia.

Lembro-me de procurar fazer tudo com perfeição. Não queria "provocar encrenca" em casa. Remontando ao passado, percebo que estava sempre tentando merecer a aceitação das outras pessoas. Se fizesse as coisas bem direitinho, elas gostariam de mim, apesar de meu pai beber.

Segredos

É muito difícil falar sobre o alcoolismo, porém mais difícil ainda é suportar seu fardo sozinha.

A Igreja, em sua área, talvez tenha conselheiros especializados com quem poderá abrir-se. O bispo poderá encaminhar você a eles. Tudo o que você lhes confiar será mantido em absoluto sigilo.

Os Alcoólatras Anônimos costumam manter um grupo para jovens obrigados a

Segredos

Minha mãe era de uma família extremamente religiosa. Eles iam juntos à Igreja. Faziam uma porção de coisas engraçadas juntos. Eu adorava ouvi-la falar de seus tempos de criança. Costumava fingir que era uma delas. Viver com um alcoólatra deve tê-la magoado muito.

Ela se envergonhava do fato de ele beber. Costumava recomendar-me que não o contasse a ninguém. "É um segredo", dizia.

Eu a adorava. Mantive seu segredo. Sentia-me, porém, muito só. Achava ser a única jovem na Igreja com esse tipo de problema em casa.

ou rogado que o pai deixasse de beber, e ele não deixou.

Ajude-a a compreender o princípio do livre-arbítrio.

Ajude-a a desenvolver um amor-próprio salutar.

Elogios sinceros são bem recebidos mas não os fingidos.

Quando ela falhar, faça-a perceber que seu esforço foi valioso. Certifique-se de que ela saiba que não precisa fazer nada para merecer sua aceitação.

Segredos

Não procure bisbilhotar a vida familiar de sua amiga, mas, se ela quiser desabafar, deixe-a falar de suas mágoas, sem interromper ou querer aconselhar.

Comentários como "Isso deve magoar bastante" ou "Deve ter sido muito embaraçoso" mostrarão a ela que você está realmente escutando o que ela tem a dizer.

Você não está lá para

conviver com adultos alcoólatras.

Ou então, você poderia conversar com uma pessoa amiga e de confiança — talvez o bispo ou um professor.

Deixada de Lado

Sentar-se sozinha nas reuniões não é agradável.

Aulas sobre o casamento no templo magoam.

Atividades para pais e filhas são penosas.

Mas, lembre-se, somos todos irmãos e irmãs, e na sua ala existem muitas pessoas bondosas e gentis que gostariam de mostrar-se suas amigas. Aproxime-se delas e permita que se aproximem de você.

Você poderá decidir, igualmente, que se casará no templo e será um membro ativo.

No meio-tempo, convide seu pai a participar. Assegure-lhe que não é necessário ser perfeito para frequentar a Igreja.

Temor

Sua vida é repleta de temores — medo de um acidente de carro, medo de divórcio, medo de ser humilhada — a lista parece não ter fim.

Gostaria de poder dar-lhe uma receita fácil para banir o temor, mas não posso. Uma coisa é certa, muitos de seus temores são baseados na realidade.

Só posso dar-lhe dois

Que grande alívio não teria sido poder compartilhar meu fardo, saber que não estava só.

Deixada de Lado

Na reunião sacramental, ficava observando as outras famílias sentadas juntas. Eu os via sorrindo um para o outro. Queria tanto que meu pai estivesse ali. Queria ver minha família sentada junta.

Mas ele nunca ia às reuniões. Dizia que não gostavam dele por tomar cerveja. Em minha ala, organizavam-se programas para pais e filhas. Eu ajudava a planejá-los, mas nunca participei de nenhum.

No Dia dos Pais, distribuía-se botões de rosa a todos os pais. Eu ajudava a colher os botões de rosa em nosso jardim. Meu pai não aparecia na reunião.

Eu tinha ódio quando na Igreja se falava de casamento no templo. Eu detestava ouvir dizer que minha família era diferente. Sabia que, enquanto ele bebesse, não poderíamos passar pelo templo. Eu amava minha mãe. Eu amava meu pai. Queria viver junto deles para sempre. É muito difícil ficar sentada na classe, quando estão falando sobre o templo.

Continuei simplesmente frequentando as reuniões. Decidi que nunca beberia. Decidi que me casaria no templo.

Agora sou adulta. E decididamente não bebo. Casei-me no templo. E estou feliz sabendo que meus filhos estão selados a mim.

Temor

Eu tinha muito medo.

Tinha medo de que meu pai se matasse ou matasse outra pessoa guiando embriagado.

Tarde da noite, ficava deitada na cama com todas as luzes apagadas. Ficava esperando, esperando até ouvir seu carro chegar. Eu orava repetidamente: "Por favor, ajuda-o a chegar em casa em segurança. Não deixes que atropelê ninguém."

De manhã, observava como o carro estava estacionado na entrada. Às vezes, encontrava-se a um centímetro da casa. Outras, estava sobre as flores

julgá-la ou ao pai dela. Você não está lá para dizer-lhe como deve agir ou sentir. Você não está lá para resolver o problema dela. Você está lá unicamente para escutar e importar-se com ela.

Deixada de Lado

Até mesmo as reuniões e atividades da Igreja podem ser penosas para sua amiga.

Se a vir sentada sozinha, convide-a para sentar-se junto de sua família.

Convide-a para participar do programa para pais e filhas com você e seu pai. Ou então, encontre um "pai substituto" para ela.

As aulas sobre casamento no templo podem ser muito tristes para alguém que não tem esperança de um dia ser selada aos pais. Seja suscetível a isto.

Se os pais forem brindados com uma flor ou cartão no Dia dos Pais na reunião, ofereça-lhe um para que leve ao pai dela.

Temor

Sua amiga talvez tema que o pai se envolva num acidente ao dirigir embriagado. Ou tema que se divorciem, ou que essa vida penosa se prolongue para sempre.

Poderá ter medo de o pai embarcá-la com sua conduta imprópria.

Ela teme que ninguém mostrará dela por causa da conduta do pai.

pequenos conselhos. Primeiro, quando estiver com medo, ore. O Pai Celestial conhece seus temores e pode ajudá-la a dominá-los.

Segundo, permita que um conselheiro adulto e de confiança a ajude a distinguir os perigos reais dos imaginários. Com tantas coisas reais a temer, não há lugar para as imaginárias.

Vergonha/Raiva

Se, às vezes, sentir raiva de seu pai e envergonhada de ser sua filha, não se julgue culpada por causa disso. É normal sentir-se com raiva. Qualquer pessoa nas suas condições sentiria o mesmo.

E se ainda não é capaz de perdô-lo, continue tentando, mas sem se considerar culpada a esse respeito.

Perdoar não é uma virtude fácil de adquirir, e ninguém a está apressando.

do vizinho.

Tinha medo de que ele me envergonhasse. E ele me envergonhava. Ele acordava sem estar totalmente sóbrio. Saía do quarto aos tropeções. Cheirava á cerveja. Dizia coisas idiotas. Eu odiava isso.

Minhas verdadeiras amigas continuavam gostando de mim. Ainda assim, era embaraçoso.

Tinha medo de que meus pais se divorciassem. Muitas vezes brigavam quando meu pai bebia. Ele guardava uma mala preta em seu armário. Então ele a tirava e se punha a enchê-la com suas roupas. Quando acontecia de dia, eu saía correndo de casa. Um dia levei comigo o canivete branco dele. Queria ficar com uma lembrança, se ele fosse embora.

Às vezes, tinha medo de que meus pais não se divorciassem. Temia que continuassem vivendo juntos e, assim, eu nunca teria um lar agradável. Achava que minha mãe e eu poderíamos ir viver com meus avós. Parecia tão seguro.

Vergonha/Raiva

O cinema e a televisão exibem homens simpáticos e belas mulheres tomando bebidas, mostrando-se sempre alegres e inteligentes. Não é como na vida real. Meu pai não fazia coisas inteligentes, fazia coisas repulsivas. Molhava a cama, e então eu era obrigada a tirar os lençóis e cobertores. Então, era minha tarefa virar o enorme colchão molhado. Eu ficava tentando virá-lo aos trancos e barrancos, mas, às vezes, molhado e mal cheiroso ele me escapulia das mãos e atingia meu rosto.

Ele vomitava. Vômito e mais vômito. Meu quarto ficava ao lado do banheiro. Eu enterrava a cabeça no travesseiro. Detestava aquele cheiro nauseante.

Às vezes ele andava pela casa despido, quando estava embriagado.

Ele nunca me bateu quando bebia. Mas muita gente fica violenta quando bebe. Surra os filhos e maltrata a família.

Agora sou adulta e consegui perdô-lo. Agora sei que o alcoolismo é uma doença que precisa ser tratada. Ele fez o máximo que pôde para arranjar-se sozinho. Mas não consegui perdô-lo, enquanto vivíamos sob o mesmo teto.

De todos esses temores, só o último está sob seu controle. Deixe muito claro à sua amiga que você a ama e respeita. Sua amizade pode contribuir para reduzir os efeitos prejudiciais de todos os outros temores.

Vergonha/Raiva

Pessoas embriagadas fazem coisas desagradáveis. Chegam mesmo a maltratar os filhos.

Sua amiga ficará envergonhada e zangada por causa disso. E talvez se julgue culpada devido à sua raiva. Faça-a compreender que ela tem o direito de estar zangada.

Ajude-a, apenas, a direcionar e controlar a raiva, para que não lhe cause sérios problemas.

Natal

Colabore com sua mãe para tornar os dias de festa tão alegres quanto possível para seus irmãos e irmãs. A genuína alegria de todo dia festivo encontra-se no servir.

E também, se seus amigos procurarem alegrar seus próprios dias de festa prestando serviços a você, deixe que o façam.

E Agora?

Sua principal obrigação é cuidar de si mesma.

Lembre-se de que não está só. Nosso Pai Celestial a conhece e a ama com amor perfeito. Você não derramou uma única lágrima nem sussurrou uma oração de que ele não esteja ciente. Ele quer que as coisas melhorem para você.

Ele lhe dará inspiração e consolo.

Ele lhe enviará professores, líderes e amigos para auxiliá-la. Aceite sua ajuda e seu amor.

Não seja exigente demais consigo mesma. Você não precisa ser perfeita até amanhã.

Você tem uma vida inteira pela frente, e as coisas se tornarão mais fáceis.

Você é capaz de vencer. Não é fácil, mas eu sei que conseguirá.

Não desista, jamais.

Natal

Era a noite de Natal. Fiquei sentada junto à árvore enfeitada com pingentes cintilantes e alegres luzinhas brancas e vermelhas. Estava triste com a ausência de meu pai. Ele andava bebendo em algum bar.

Não era assim que eu queria passar o Natal.

Suas bebedeiras estragaram aniversários. Estragaram o Dia de Ação de Graças. Estragavam o Ano Novo, e a Páscoa, e outras datas especiais.

Os feriados costumavam ser os dias mais tristes, solitários e dolorosos do ano. Nesses dias, era nítido e amargo o contraste entre como a vida poderia e deveria ser, e como era na realidade.

E Agora?

A maioria das pessoas faz o melhor que pode. Tentam fazer as coisas da maneira certa.

Acredito que meu pai fez o melhor que pôde. Talvez conseguisse sair-se melhor, se freqüentasse os Alcoólatras Anônimos. Talvez uma clínica para alcoólatras o tivesse ajudado. Ou então procurar um conselheiro capacitado. Mas ele não procurou ajuda.

Viver com ele foi muito difícil. Viver com ele era, às vezes, repugnante. Viver com ele era, muitas vezes, embaraçoso. Viver com ele era triste, muitas vezes.

Às vezes, eu me envergonhava dele. Às vezes, ele me causava medo.

Outras vezes ficava zangada, quando nossos vizinhos mórmons pareciam não gostar dele. Sabia que era uma boa pessoa, quando sóbrio. Por que as outras pessoas não percebiam isso?

Um de meus filhos perguntou-me como eu me divertia quando criança. A princípio, eu não soube responder. É lógico que tive momentos alegres. As lembranças mais fortes de minha infância, porém, se prendem todas ao álcool.

O álcool rouba a infância. Em lugar de muitos dias despreocupados, existe responsabilidade prematura. Em lugar de felicidade, existe raiva, medo e complexo de culpa. Em lugar de franqueza e confiança, há segredo. E freqüentemente o afastamento da Igreja.

Mas eu sobrevivi, e outras podem-no igualmente, se todos ajudarmos. E espero que assim seja. □

Natal

Os dias de festa são difíceis para sua amiga, por isso não se esqueça dela. Faça com que ela vá à sua casa. Se os pais dela não se ofenderem, você poderia convidá-la a passar o Natal com vocês.

É sempre se lembre do aniversário dela.

E Agora?

Sua amiga vive num mundo diferente — um mundo repleto de temores bem fundados, um mundo no qual nada é simples.

A mesma pessoa que ela ama causa-lhe muita mágoa.

Se gostar genuinamente dela, demonstre-o; mas, por favor, não o faça como um "projeto" ou obrigação durante alguns meses, para depois abandoná-la à própria sorte. Ela já tem motivos suficientes para desconfiar das pessoas, sem isso.

Respeite-a e respeite a confidencialidade de tudo o que lhe contar.

Você não pode eliminar o que a faz sofrer, nem forçar mudanças em seu lar.

O que você pode fazer é importar-se com ela. Você pode compreendê-la, aceitá-la, ajudá-la, apoiá-la, incentivá-la e amá-la.

E também ajudá-la a sentir o amor do Pai Celestial.

TEMPO UMA HERANÇA DE DEUS

O tempo é uma propriedade que herdamos de Deus, juntamente com o poder de escolher o que faremos dele. É uma herança tão grande, que deveríamos sentir que é um "capital" que temos para ser investido exatamente como investiríamos uma herança monetária.

Como sabeis, há mais de uma forma de gastar o tempo tolamente. Podemos desperdiçá-lo dormindo ou em coisas inconseqüentes. Mas o verdadeiro problema vem mais tarde, depois da ociosidade e da busca irrefletida de emoções.

Por exemplo, quando preferis ver ou ouvir coisas degradantes podeis, a princípio, sentir que gastastes apenas tempo. No entanto, se persistirdes na escolha, descobrireis que, além do tempo perdido, permitistes que Satanás vos arrastasse em direção ao pecado, para depois vos fazer cair nele. E então tereis acumulado dívidas muito além do tempo gasto – dívidas que onerarão e aviltarão cada minuto seguinte de vossa existência. A única maneira de aliviar essa carga é encontrar o bálsamo benéfico da expiação de Jesus Cristo por meio do arrependimento, o que exige esforço – e tempo.

Com o passar dos anos, compreendi algo que aconteceu comigo, quando era adolescente. Certo dia, eu estava com pressa de chegar a algum lugar quando senti, não ouvi, uma voz, que eu sabia ser de Deus. Foi o pensamento: "Algum dia, quando você souber realmente quem é, sentirá muito não ter usado seu tempo melhor." Naquela ocasião, não fez muito sentido para mim, porque eu achava que estava usando bem o meu tempo e pensava que sabia quem eu era. Agora, anos mais tarde, estou começando realmente a saber quem sou – e quem vocês são – e por que sentiremos tanto, se não investirmos bem nosso tempo.

O Senhor nos deu o dom ou a herança do tempo. Ele nos convida e incentiva a usá-lo sensatamente. Vale a pena investir com sensatez, não apenas porque temos toda uma vida diante de nós, mas também porque temos a eternidade pela frente. É minha oração que todos possamos ter o desejo de investir sabiamente nossa herança de tempo.

Adaptado de um discurso proferido em um serão na Universidade Brigham Young. Provo, Utah.

Bispo Henry B. Eyring Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente



PODEROSAMENTE FORTE

Élder F. Enzo Busche do Primeiro Quorum dos Setenta

Um dia, finalmente aconteceu. Dois rapazes estavam na porta de nosso pequeno apartamento.

"O que é?" perguntei eu. Depois de olhar rapidamente para eles, estava pronto para defender-me. Não importava o que fosse, queria que eles entendessem que eu não precisava de nada, e que desejava que me deixassem em paz.

Olhei para os dois rapazes que estavam em minha frente, mais uma vez, e encontrei motivos para questionar meu primeiro julgamento. Eles estavam bem vestidos. Estavam limpos, mas não chamavam a atenção exageradamente nem mostravam riqueza. Os olhos irradiavam dignidade e paz. Os gestos eram

humildes, mas não vulgares. A aparência deles representava polidez e vontade de ouvir, auto-estima, e desejo de respeitar o meu próprio direito de privacidade.

“Temos uma mensagem importante para o senhor”, disse um deles.

Ao tentar descrever a aparência dos primeiros missionários que bateram à minha porta, não posso deixar de dizer o que eles não pareciam. Eles não pareciam vendedores. Ao contrário, irradiavam algo muito diferente, algo poderosamente forte — o Espírito do Senhor. Tornou-se impossível para mim mandá-los embora.

Mal sabia eu que, daquele dia em diante, minha vida jamais seria a mesma — que eu já havia posto os pés em uma trilha que eventualmente me levaria a tornar-me membro da Igreja do Senhor.

O que é que converte uma pessoa — que muda o curso de sua vida e a ajuda a procurar Cristo? Será a mensagem poderosa da palavra de Deus ou será a maneira especial que alguém usa para comunicar-se com essa pessoa? Serão as roupas? O corte de cabelo? A limpeza, alguma outra coisa?

As conversões só acontecem pela poderosa influência do Espírito. Esse testemunho é um dos dons mais preciosos que uma pessoa pode receber. Muitos membros da Igreja, porém, — especialmente membros jovens — não sabem muito a respeito de um dom ainda mais precioso que recebemos de nosso Pai Celestial, quando somos confirmados membros da Igreja. Como parte do convênio que fazemos com ele, recebemos o dom do Espírito Santo, o direito de ter a companhia constante de um membro da Trindade. E esse dom é de importância vital — não apenas para nossa própria salvação — mas também para a salvação da humanidade. Todos os membros precisam não apenas sentir o Espírito regularmente, mas também ser completamente envolvidos pelo Espírito durante as ações diárias de sua vida. O Senhor deu a cada membro um dom que permitirá que ele carregue os fardos e os desafios da vida com felicidade e sucesso. Quero compartilhar com vocês algumas sugestões a respeito de como sinto que vocês podem aprender a desenvolver e usar esse dom muito especial do Pai Celestial.

Todas as pessoas (sejam SUD ou não), quando

viverem de acordo com os princípios de retidão, sentirão o Espírito em certas condições. Aprendemos uma coisa muito importante sobre isso nas escrituras: “E o Espírito dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo homem no mundo que atende à sua voz” (D&C 84:46). O espírito que é mencionado aqui é a Luz de Cristo, que faz todas as tentativas possíveis de ajudar todos os filhos de Deus e de levá-los ao convênio salvador e sagrado do batismo.

Imediatamente após o batismo, o Espírito Santo é conferido. O Senhor nos prometeu que, quando trabalhamos diligentemente e aprendemos a obedecer aos princípios do evangelho, o Espírito nos torna fortes e nossa vida produz muitos frutos. No entanto, acredito que, quando não mostramos apreciação por esse dom, cultivando-o e usando-o constantemente, sofremos muitas frustrações e reveses. Podemos até perder o testemunho ou a oportunidade de termos uma alegria justa.

Posso pedir-vos, meus caros jovens amigos, que tenteis lembrar-vos de quando sentistes a influência do Espírito pela última vez? Foi na última designação como mestre familiar, em uma conferência de jovens, ou na última reunião de jejum e testemunho? Mesmo sendo maravilhosas as experiências ocasionais com o Espírito do Senhor, temos de saber que somos qualificados — que temos o direito de estar sob a influência do Espírito em todas as ocasiões.

O Senhor nos diz, pela voz de seu profeta, o que devemos fazer para que o Espírito possa estar conosco: “E o Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé” (D&C 42:14). A oração da fé é fácil de entender para uma pessoa que está em uma situação de urgência ou de aflição repentina. Mas não fica claro que nós, de alguma forma, podemos ofender o Senhor, se nos dirigirmos a ele em oração sincera de fé apenas em emergências? O Senhor pode perguntar-se por que não queremos a proximidade do Espírito em todos os minutos da vida. Ele pode perguntar-se por que nos dirigimos a ele em oração sincera só quando já é tarde demais ou quando podemos obter ajuda apenas depois de pesadas perdas ou de muita dor.

Quando as circunstâncias são favoráveis,

parece que somos capazes de administrar os assuntos de nossa vida sem ele. Por que esperar, até que aconteça uma emergência para aprender o quanto Deus nos ama e o quanto ele está disposto a andar a segunda milha para nos ajudar? Não há maior sabedoria do que desenvolver a consciência da proximidade e do

Mesmo sendo maravilhosas as experiências ocasionais com o Espírito do Senhor, temos de saber que somos qualificados — que temos o direito — de estar sob a influência do Espírito em todas as ocasiões.



amor de Deus em tempos de fartura. Ficaremos surpresos ao descobrir o quanto ele nos ama, se preocupa conosco, e quer que crescamos, prosperemos e atinjamos nossas metas justas.

O Senhor nos está oferecendo, por intermédio do Espírito, a mais poderosa ajuda que podemos encontrar. O Senhor nos deu o instrumento para realizar nossos desejos justos, se soubermos apreciá-lo e aprendermos como usá-lo. Com a ajuda desse dom, poderemos aprender como enfrentar os problemas diários, como as motivações justas podem aumentar, como os receios podem ser afastados, como vencer as tentações, e como ter sucesso nas tarefas mais difíceis e complicadas. Com a ajuda desse dom, todos os membros podem experimentar o poder incomparável que o Senhor quer dar àqueles que o recebem. “Mas a todos os que me receberam dei poder” (D&C 45:8).

Sempre que obedecermos às inspirações do Espírito, sentiremos a mudança miraculosa no coração e na mente. É como se fôssemos aliviados de uma carga que nos obscureceu a alma. A luz, a confiança e a alegria nos renovam. Aprendemos a ouvir as inspirações suaves, às vezes incômodas, por meio das quais o Senhor sugere maneiras para melhorarmos ou removermos um obstáculo que nos separou dele. E em todas as circunstâncias, aprenderemos a sentir uma profunda apreciação pelo dom gratuito que o Pai Celestial nos deu no Espírito Santo.

Parece trágico, uma perda tremenda, que muitos pareçam desenvolver esse dom do Espírito apenas quando estão nas circunstâncias especiais de uma missão, ou enquanto realizam o ensino familiar, ou em outras situações em que nos concentramos nas coisas do Espírito.

Senti o poder e a autoridade irradiando dos missionários durante sua visita à nossa casa, há trinta anos. Quando observo os membros jovens da Igreja hoje, acho que temos razão para nos alegrar, quando vemos muitos deles abraçando esse dom do Pai Celestial e permanecendo firmes nestes dias de desafio. É minha oração que possamos todos construir nossa vida sobre o alicerce de Cristo, vivendo perto do Espírito e seguindo-o sempre. □



Pedimos ao Senhor
a força necessária
para sair novamente
naquele clima norue-
guês tão frio.

SEDE CONFORTADOS

Gina Parkinson Baird

Estávamos na metade do inverno, e eu servia em meu oitavo mês como missionária na área de Asana, no Distrito Bergen Noruega. Embora batêssemos de porta em porta durante horas, dávamos poucas palestras. Um batismo parecia um milagre.

Bergen é uma cidade construída sobre e entre sete montanhas, na costa ocidental da Noruega. As montanhas captam todas as tempestades que se formam ao longo da costa. As nuvens descarregam sua chuva sobre os missionários e sobre os não-missionários também. O vento empurra a chuva horizontalmente e, assim, os guarda-chuvas são usados mais como escudos. Tínhamos sorte se nossas capas e botas secassem durante a noite para podermos usá-las no dia seguinte.

Em um determinado dia, o vento e a chuva estavam ainda piores do que habitualmente. Minha companheira, Sister Dolinsky, e eu discutíamos se realmente valeria a pena sair com um tempo tão ruim. Sabíamos que, se não saíssemos, com certeza sentiríamos aquela depressão que os missionários sentem quando não estão trabalhando. O tempo ruim nos ajudou a decidir ficar em casa e pôr em dia nossos registros.

O dia passou, e a tempestade não mostrava nenhum sinal de que iria parar. Logo eram 7h 30 min. — hora de sairmos para fazer o percurso noturno batendo de porta em porta. Podíamos ver o fiorde de nossa janela; a água estava escura e encapelada. O vento soprava com toda a força, e a chuva batia na janela. Sabíamos que não poderíamos ficar em casa a noite toda também, e por isso nos ajoelhamos e pedimos ao Senhor a força de que necessitávamos para sair. Quando nos levantamos, Sister Dolinsky disse que sentia que o Senhor queria que lêssemos Alma 17. Começamos a ler a respeito de Alma e dos quatro filhos de Mosiah. No versículo cinco lemos: “E foram estas as circunstâncias que os acompanharam em suas viagens, pois sofreram muitas aflições; sim, sofreram muito, tanto corporal como mentalmente: fome, sede, cansaço, assim como muita tribulação em espírito.”

A violência da tempestade pareceu diminuir, e nosso desconforto dava a impressão de muito menor, quando lemos a respeito do sofrimento daqueles missionários. O Espírito encheu nosso pequeno apartamento quando continuamos a ler os versículos 10-12:

“E aconteceu que o Senhor os visitou com seu Espírito e lhes disse: Sede confortados; e receberam conforto.

E o Senhor também lhes disse: Ide entre os lamanitas (nós substituímos *lamanitas* por *noruegueses*), vossos irmãos, e estabeleci minha palavra; mas sede pacientes nos sofrimentos e aflições, para dar-lhes bons exemplos em mim; e eu farei de vós instrumentos em minhas mãos, para salvar muitas almas.

“E aconteceu que os corações (das missionárias) encheram-se de coragem para se dirigir aos (noruegueses) e pregar-lhes a palavra de Deus.”

Depois de ler esses versículos, sabíamos que o Senhor conhecia o desconforto que sentíamos, ao bater de porta em porta com um tempo tão ruim; no entanto, sabíamos também que ele esperava que tivéssemos coragem e continuássemos em aflição a trazer a palavra de Deus às pessoas que ele nos chamou a servir. Nossas aflições eram pequenas, comparadas às de Alma e dos filhos de Mosiah.

Vestimos nossos casacos e viajamos de ônibus até a área onde devíamos trabalhar. Na primeira porta em que batemos, encontramos um rapaz que trabalhava no Mar do Norte, em uma plataforma de extração de petróleo. Ele disse que normalmente não estava em casa, mas a tempestade o havia impedido de sair para o mar a fim de trabalhar. Nós ensinamos a respeito do Livro de Mórmon, e ele disse que gostaria de lê-lo. Demos-lhe um exemplar e saímos com uma boa impressão.

A certeza de que o Senhor conhecia meus pequenos sofrimentos como missionária, e de que seu Espírito nos confortava e nos incentivava a continuar com o seu trabalho, inspirando minha companheira e a mim a buscarmos as escrituras, ficou comigo pelo resto da missão e ficará comigo pelo resto da vida. □

NÃO SEI MUITO BEM POR
QUE DEUS PRESERVOU
MINHA VIDA ATÉ ESTA IDADE, MAS
DISTO EU SEI: QUE PARA A HORA
PRESENTE, DEUS ME REVELOU A
NECESSIDADE ABSOLUTA DE
PROPAGAR O LIVRO DE MÓRMON
DE MANEIRA MARAVILHOSA. VÓS
TENDES DE AJUDAR COM ESTE
ENCARGO E COM ESTA BÊNÇÃO
QUE ELE COLOCOU SOBRE TODA
A IGREJA, MESMO SOBRE TODOS
OS FILHOS DE SIÃO.

— PRESIDENTE EZRA TAFT BENSON
